

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Resumo histórico.

O herético movimento das “testemunhas de Jeová” começou em 1872 com um homem de vida repreensível, Charles Taze Russel, nascido em Allentown, Pensilvânia, USA, em 16 de fevereiro de 1852. Russel, no início de sua vida, foi Presbiteriano; migrou para a Igreja Congregacional; dela passou para o adventismo de cuja teologia judaizante retirou os “fundamentos” de sua nova seita. Aliciando um grupo de simpatizantes (adventistas e outros), criou uma equipe de “estudos das Escrituras” (1879), aplicando aos textos sagrados suas “interpretações” particulares, sem qualquer habilitação teológica para tal empreendimento. Sua cultura geral também era limitada. Em 1884, ele oficializou e legalizou o grupo com o nome de “Watch Tower Bible and Tract Society” (Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados). Fixou-se no Brooklyn, New York, em 1909, onde se encontra até hoje e de onde “comanda” as Testemunhas de Jeová -TTJ (assim serão intensificados nas referências seguintes) em todo mundo. Russel transformou seus “estudos bíblicos” em livros: sete volumes, o último dos quais, publicado depois de sua morte. Até hoje, em princípio, as “doutrinas” das TTJ baseiam-se na obra de seu criador. Charles Taze Russel faleceu em 1916, sucedendo-o o habilíssimo advogado Joseph Franklin Rutherford, a quem se atribui a publicação do livro que sintetiza as heresias russelitas: “Seja Deus Verdadeiro”, além de muitas outras obras. Rutherford, em 1931, em meio a uma crise interna, convenceu a uma assembléia de seus liderados a trocar o nome de “Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados” para “Testemunhas de Jeová”, nome pelo qual são popularmente conhecidos. Falecido de câncer em 1942, o comando passou a Nathan H. Knorr, menos brilhante, mas mais político.

Além das obras denominacionais e das revistas, os TTJ “traduziram” as Escrituras, adaptando os textos sagrados aos seus pressupostos doutrinários, com o nome de “Tradução Novo Mundo das Escrituras Cristãs” (TNM). Em virtude da tendenciosidade, não se recomenda a Bíblia TNM¹.

Metodologia de Pregação e Ensino.

A metodologia de “evangelização” das TTJ não consiste no sistema de realização de grandes “campanhas evangelísticas” ou fazer “sermões evangelísticos” na “Casa de Oração”, onde os “refratários” não penetram, mas irem de casa em casa, distribuindo panfletos, vendendo livros e revistas a baixo custo e propondo estudar com a família “visitada” as Escrituras. Seus “estudos bíblicos” são-lhes o meio de catequese. Visitam, de preferência, lares cristãos, e a muitos ludibriam com a docilidade de seus agentes e a aparente veracidade interpretativa. Os crentes leigos, amantes da Bíblia, são presas fáceis dos tais “estudantes das Escrituras”. O método é correto e eficiente, mas o ensino é tendencioso, visando a “transformação” do crente em TJ. Eles afirmam que todos os líderes cristãos de quaisquer ramos do cristianismo são falsos mestres e falsos profetas, e tentam provar tal afirmação, apelando para as Escrituras próprias da TNM. Quando, pois, nós os chamamos de falsos, fica, perante os seus alunos de “estudos bíblicos”, “palavra contra palavra”. As melhores saídas para os leigos cristãos: Primeira, não recebê-los e não aceitar seus “estudos bíblicos”. Segundo: solicitar do pastor de sua Igreja estudos bíblicos, em sua casa ou no templo, sobre suas principais heresias. Cada ovelha deve ouvir o pastor de sua grei, jamais acreditar em estranhos, confiando-lhes o pastoreio de sua alma. Siga as recomendações e as advertências da Segunda Epístola de João: “Porque muitos

enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo. Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço, mas para receberdes completo galardão. Todo aquele que ultrapassa a doutrina de Cristo e nela não permanece não tem Deus; o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más”(II João vs. 7-11)². “Dar boas-vindas” a um herético significa recebê-lo com alegria, acolhê-lo, dar-lhe ouvidos, admiti-lo como mestre ou líder concorrente dos ministros de sua comunidade cristã.

PRINCIPAIS HERESIAS DAS TTJ.

Superioridade do Humano sobre o Divino.

Para Russel, acompanhado, na prática, por seus seguidores, a autoridade de seus escritos é superior ao das Escrituras. Sem eles, acreditam, a revelação escriturística torna-se inoperante e ininteligível. Eis, para que dúvida não fique, a sua declaração: *“Se os seis volumes de “Estudos Bíblicos” (ainda não havia o sétimo) são praticamente a Bíblia, arrumada em tópicos com textos bíblicos comprobatórios, podemos, e não imprópriamente, denominar os volumes de “A Bíblia em Forma Organizada”. Isto é, eles não são meros comentários da Bíblia, mas são praticamente a própria Bíblia(grifo nosso). Mais ainda, além de conhecermos pessoas que conseguem ver o plano divino diretamente na Bíblia, sabemos também que se alguém abandona os “Estudos Bíblicos”, mesmo depois de tê-los usado e depois de se familiarizar com eles, lendo-os durante dez anos- se ele os abandona então, ignorando-os e indo diretamente à Bíblia, nossa experiência comprova que, mesmo depois de ter compreendido a Bíblia durante dez anos, essa pessoa fica nas trevas dentro de dois anos. Por outro lado, se ela tivesse lido apenas os “Estudos Bíblicos” com suas referências e não tivesse lido nenhuma página da Bíblia, continuaria na luz no final dos dois anos, porque teria a luz das Escrituras”³* A superioridade do magistério russelita sobre o das Escrituras é escancarada. Sem as obras de Russel a Bíblia torna-se inoperante. Rutherford, seu zeloso sucessor, também faz de seu “Seja Deus Verdadeiro” literatura “indispensável” à “correta” compreensão das Escrituras: *“Portanto, se o leitor iniciar o estudo da Bíblia com a ajuda deste livro, não será seduzido nem levado a estudar a Palavra de Deus de acordo com os erros desconcertantes e misteriosos do cristianismo. Será convidado a estudar de acordo com o que o próprio Deus diz em sua Palavra”⁴* A Bíblia, por si mesma, conforme os TTJ, é incapaz de levar ao pleno conhecimento do “plano divino”, revelar a vontade de Deus ao pecador, convencê-lo de seu pecado e movê-lo ao arrependimento. Em resumo: ninguém terá acesso à revelação, senão pelas obras escritas dos TTJ. Tais autores ocupam o lugar do Espírito Santo como “iluminadores” das mentes. Sem eles, inútil será ler a Bíblia, pois, como pretendem, Deus “esclarece” aos pecadores a sua vontade por meio dos TTJ. O crente que tem as Escrituras como sua única regra de fé e norma de conduta e se apegua à “Sola Scriptura”, valioso e sólido primado da Reforma, rejeita e rechaça, terminantemente, os heréticos TTJ. Não nos esqueçamos da recomendação do Mestre: *“Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39).* A Palavra de Deus, iluminada pelo Espírito Santo, fala diretamente à mente e ao coração do eleito (culto ou analfabeto) sem qualquer intermediação de finitos, mortais e falíveis mediadores humanos.

O Filho – Primeiro Ser Criado?

Os TTJ, por seus mentores, sustentam a herética e esdrúxula doutrina da “criação do Verbo”. Ensinam e impõem como dogma, sem o mínimo fundamento bíblico, que o Filho foi a primeira criação de Jeová e, como ser criado, ocupando a primogenitura da criação, viu-se colocado pelo Pai em proeminente posição, elevado à categoria de “associado” do Criador em todos os atos e feitos criacionais seguintes. Portanto, pregam os TTJ, “todas as coisas foram feitas por Jeová, agindo pela pessoa do Filho, um ser criado como os demais seres”. Conclusão: o universo, a vida e o homem foram criados por meio de outra criatura, Jesus Cristo. O que se conclui de tal aleivosa ministração doutrinária: Cristo, o Verbo, não é eterno, nem Filho, nem divino (Deus, igual e consubstancial com o Pai), mas apenas uma *criatura*, um *servo* ou mordomo sem autoridade própria, que executou e executa as ordenanças de Jeová seu Criador. Sobre essa insuportável depreciação da Segunda e soberana Pessoa da Trindade, ouçamos o senhor Joseph Rutherford, falando de Cristo: *“Assim ele está classificado entre as criaturas de Deus, sendo o primeiro entre elas e também o mais amado e favorecido. Ele não é o autor da Criação de Deus; mas logo que Deus o criou como seu Filho primogênito, Deus o usou como seu obreiro associado na criação de todo o resto das criaturas”*⁵ O senhor Rutherford cita Colossenses 1.16-18 e Jo 1.1-3. Estes textos, porém, nada dizem sobre a suspeitíssima e antibíblica tese da “criação de Cristo”. João 1.1-3 diz que o Verbo que estava no princípio com Deus era Deus, o Criador. Cl 1.15-18 fala também do Verbo criador no e pelo qual todas as coisas vieram à existência, razão porque Ele tem a primazia sobre o que criou. Deus não pode ter criado a si mesmo. Além do mais, um ser criado não pode ter a mesma essência e a mesma substância de seu criador como é o caso de Jesus Cristo. Ele mesmo declarou ser igual ao Pai, e quem o vê, vê o Pai: **“Eu e o Pai somos um”**(Jo 10.30). *“Quem me vê a mim vê o Pai”*(Jo 14.9). Para os TTJ Cristo não é, em si mesmo, divino, mas um ser criado, divinizado pelo Criador.

Deus poderoso, mas não Todo-Poderoso, Jeová?

Na linha da tese de uma “divindade criada”, participando, não da essência da divindade criadora, mas da substância dos seres criados e, portanto, externo ao ser de Deus, os TTJ chamam Jesus Cristo de “um Deus”. Deixemos que o senhor Rutherford “explique”(?) tamanho absurdo, não pelos originais gregos, mas pela deturpação textual da Tradução Novo Mundo: *“Sendo poderoso e possuindo esta alta categoria oficial de Logos e existindo antes de todas as outras criaturas, ele era um Deus, mas não o Deus Todo-poderoso, que é Jeová. Esta distinção se esclarece na tradução da “Emphatic Diaglott”*⁶ *em João 1.1-3, como segue: “No Princípio era o Logos, e o Logos estava com DEUS, e o Logos era Deus. Estava no princípio com DEUS. Tudo foi feito por ele; e nada do que se fez foi feito sem ele”. “Em nossa citação, a diferença tipográfica entre DEUS e Deus é exatamente como se encontra na “Diaglott”. A tradução interlinear da “Diaglott” do grego, palavra por palavra, torna ainda mais clara a distinção entre Jeová como DEUS e o Logos como Deus, lendo-se como segue: “Num principio era o Verbo e o Verbo estava com DEUS, e um deus era o Verbo. Este estava em um princípio com o DEUS”. A “New World Translation of the Christian Greek Scriptures”, publicada em 1950, verte felizmente o texto de Jo 1.1-3 assim: “Originalmente a Palavra era, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era um deus. Este estava originalmente com Deus”*⁷. Além da teologicamente inconcebível figura de “um deus criado”, os TTJ fazem “Deus criar um Deus” para que essa “estranha criatura” seja “o Criador associado”. Por que quem fez o principal e primeiro ser não poderia ter feito os demais seres? Para os russelitas, a criação é “obra de uma criatura, criada para criar”.

Tradução Novo Mundo.

Sobre a tradução da TNM de Jo 1-3, observemos o seguinte:

a- A oração coordenada, “*e o Verbo era Deus*”, está no original de forma invertida, como costuma fazer a língua grega (Kai Theós en ho Logos). O sujeito da oração é “ho Logos” (O Verbo). O adjunto predicativo é Theós (Deus). Há uma regra da linguagem grega de concordância regencial dos verbos de ligação que estabelece: quando o predicativo nominal vem antes do verbo, antecedendo, portanto, ao sujeito, dispensa-se o “artigo” definido. Consequentemente, não há, segundo essa norma, nenhuma razão para se traduzir, como fazem os TTJ, “Theós” por “*um Deus*”. A oração, corretamente traduzido, é a da versão Almeida Revista e Atualizada: “era Deus”⁸.

b- “Deus”, sendo predicativo do sujeito “ho Logos”, e considerando que o predicativo complementa o substantivo subjetivo “Logos”, qualificando-o, fica claro que o Logos é da mesma natureza de Theós, da mesma “qualidade”, da mesma essência, não simplesmente um “ser criado inferior.

c- Para traduzir Theós por “um Deus” pelo fato de não trazer artigo definido, o mesmo procedimento valeria para Jo1.6 que, segundo a norma fixa dos TTJ, ficaria assim: “*Houve um homem enviado por “um Deus” cujo nome era João*” . E Deus aqui se refere ao Pai, o Todo-Poderoso. Então, Jeová, pela mesma lógica, seria apenas “um Deus”. O mesmo acontece em Jo 1.18: “*Ninguém jamais viu Deus(sem artigo)*”. Os TTJ, por questão de coerência, deveriam traduzir: *E ninguém jamais viu “um Deus”*⁹ . São inumeráveis, tanto no grego da Septuaginta como na “coinê” do Novo Testamento as incidências do nome Theós sem artigo (definido ou não)¹⁰. Em todos os casos, seguindo a “infalível regra dos TTJ, tem de ser traduzido por **um Deus**”; ou a regra russelita só vale para o Deus Filho?

- Primogenitura do Filho de Deus.

O texto básico dos TTJ, citado à exaustão, com o qual pretendem provar que Cristo foi o “primeiro ser criado” é Colossenses 1. 15-19: “*Este é a imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criação; pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste. Ele é o cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprovou a Deus que nele residisse toda a plenitude*”.

Paulo, neste tópico, descreve o Verbo encarnado como:

a- O **revelador** do Pai: “*imagem do Deus invisível*”, isto é, o próprio Deus, antes “abscondido”, agora, em figura humana, colocado à vista da humanidade, de modo que quem o vê, vê o Pai.

b- O **Logos** pelo qual toda a criação veio à existência, tanto as celestes como as terrestres, as visíveis e as invisíveis. Sendo o meio ou o princípio pelo qual o existente veio a existir, sendo a causa não causada do universo, do homem e dos poderes, o Filho de Deus é propriamente chamado de “*O Primogênito de toda criação*”.

c- O **Logos preexistente**: “*Ele é antes de todas as coisas*”. “**Ele é**”(autós estin), significa existência contínua, eternidade. Sobre o texto em discussão, útil nos serão os comentários de “*Chave Lingüística do Nono Testamento*”. Ei-los:

“**Eikon**- imagem, cópia, representação. No pensamento grego, uma imagem partilha da realidade que representa. Cristo é a perfeita imagem de Deus”.

Deus não pode manifestar-se, revelar-se, em e por meio de pessoa que não lhe seja da mesma natureza e essência, que não tenha os mesmos atributos. Deus se revela em seu eterno Filho. Jesus Cristo, portanto, é Deus conosco, Emanuel.

“Protótokos- *primogênito. A palavra enfatiza a preexistência e singularidade de Cristo, bem como a sua superioridade sobre a criação. O termo não indica que Cristo foi criado; pelo contrário, indica que ele é o soberano da criação. Pode estar presente também a idéia de Cristo ser o herdeiro da criação de Deus, como o primogênito era o principal herdeiro na família, conforme o costume judaico*”.

“En autô- *nele. A prep. denota Cristo como a “esfera” dentro da qual a obra da criação ocorreu(Bruce). Todas as leis e propósitos que guiam a criação e o governo do universo, residem nele(Lightfoot). A prep. é, possivelmente, tanto instrumental como local (Moule). Ele não está em todas as coisas, mas todas as coisas estão nele*”.

“Archê- *começo, princípio, origem. A palavra refere-se à prioridade em tempo e ao poder originador(Lightfoot e Moule)*”. Cristo não é “um princípio”, muito menos o primeiro de uma série, o principal de uma ordem, o “gerador” de descendência, ele é a “potência primária” da criação, o “princípio de tudo”, o “Verbo Criador”.

“Di’ autou- *através dele. A prep. com genitivo descreve Cristo como o instrumento imediato da criação(Abbott; ver também Lightfoot)*”.

“Autós-(Ele)- *O pronome é usado enfaticamente- “Ele mesmo” em contraste com as coisas criadas(Abbott). Aqui significa “Ele”, e não outro*”.

“Pró- *antes. A prep. pode se referir à prioridade em tempo ou oposição, mas a idéia de tempo é mais apropriada. Usada com o tempo presente do verbo, a idéia expressa a imutabilidade da existência, isto é, “a sua existência é anterior a todas as coisas”(Abbott; ver também Moule, Lightfoot, Matin NCB).*

“Synésteken- *perf. Ind. At. de synístami- sustentar, manter. Ele é o princípio de coesão do universo(Lightfoot). Deus mesmo é a fonte unificadora que abrange tudo em funcionamento harmônico. Isto se aplica às grandes coisas do universo e também às menores (Lohse)”¹¹.*

O texto referido não fala de um Cristo criado, participando da ordem da criação, como alegam os TTJ, mas do eterno Filho de Deus, da mesma natureza, essência e substância do Pai em cuja pessoa encontram-se a origem, o poder, a ordem e a harmonia de todas as coisas criadas: Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito da criação, o primogênito dos mortos; o único, por ser divino (não divinizado) revelador de Deus: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou”(Jo 1.18). Este texto conclui e explica Jo 1.1-3. A palavra **primogênito**¹², quando se refere a Cristo relacionado ao Pai e à obra da criação, não significa o “primeiro gerado”, e muito menos “o primeiro criado”, mas, aquele que tem “primazia” sobre o universo criado, aquele que possui o “múnus” ministerial da criação e da revelação.

O Filho de Deus possui, em virtude de sua encarnação e ministério, múltiplas primogenituras: primogênito de Maria (Lc 2.7); primogênito da criação (Cl 1.15); primogênito dos irmãos redimidos(Rm 8.29); primogênito dos mortos (Cl 1.18). Dentro da ordem trinitária, no entanto, ele é o Unigênito de Deus (Jo 1.18). Van Groningen sustenta a tese, seguindo muitos pensadores, que a figura vetotestamentária do “primogênito” (prototokos - bekôr) é essencialmente messiânica, isto é, tipifica o Messias, herdeiro do Pai, das promessas e de todas as bênçãos divinas, depositário, não somente da herança, mas de todos os poderes paternos^{12.a}. Como eterno gerado, ele pode ser, figurativamente, chamado de “primogênito” do Pai; e isto, na qualidade de Unigênito.

Quem afirma que Cristo não é Deus, nega o Filho e, conseqüentemente, nega o Pai (I Jo 2.23).

A Negação da Trindade.

Os TTJ renegam veementemente a doutrina da trindade em termos injuriosos e comparações degradantes. Chamam o Deus trino de monstro de três cabeças, atribuindo a Satanás a autoria do triteísmo cristão¹³. Sobre tamanho absurdo, permitamos que o próprio herético, senhor C. T. Rutherford, a segunda estrela maior dos TTJ, pronuncie-se: “*Bem, poderia alguém perguntar: se Deus não é o autor desta doutrina confusa, quem é?*” Depois de algumas divagações históricas inconseqüentes, que nada provam ou comprovam, o fanático Rutherford responde: “*A conclusão óbvia, portanto, é que Satanás deu origem à doutrina da trindade*”¹⁴.

A palavra “trindade”¹⁵ não aparece nas Escrituras, mas a doutrina, sim, e abundantemente. O Senhor das Escrituras é um Deus que se revela e revela sua vontade, não um Deus que se define e se explica; é um Deus que mostra o que faz e o que deseja, não um Deus que a si mesmo se pinta, mostrando-nos o seu retrato em tamanho natural, exato e sem retoques. Ele não nos diz: sou um Deus trino, mas se revela por meio das pessoas distintas em atividades definidas como Pai, o Criador; Filho, o Redentor e revelador do Pai; Espírito Santo, o Consolador e revelador do Filho. São três pessoas perfeitamente identificadas, cognitivas e volitivas, conscientes e ativas, exercendo ministérios determinados no plano geral da criação, da redenção, do governo e da preservação. Não são três cabeças de uma só pessoa como alegam os TTJ; não são três individualidades divergentes e inespecíficas; são três pessoas absolutamente convergentes, sem nenhum conflito relacional, sem qualquer divergência ideológica. A unidade perfeitíssima que estabelece a unicidade divina firma-se nos seguintes postulados:

- a- Igualdade absoluta do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- b- Perfeição absoluta das três pessoas trinitárias.
- c- Impecabilidade, santidade e integridade dos seres divinos.
- d- Consubstancialidade sem qualquer grau de diferenciação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.
- e- Consensualidade integral, integrada, corporativa e interativa entre as pessoas da ordem trina.
- f- Igualdade absolutamente nivelada em todos os níveis atributivos e sapienciais das pessoas da Trindade.
- g- Eternidade natural, essencial e intrínseca da unidade trina: Deus, em si e por si mesmo, nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é **eterno**. Ao homem eleito e regenerado o Pai, na pessoa do Filho, ministrado pelo Espírito Santo, concede a “imortalidade” ou “a vida eterna”. Deus, porém, não é “imortal”, é “eterno” em si mesmo. A eternidade lhe é um atributo exclusivo; a imortalidade é uma graça concedida aos regenerados.

Por tudo o que se disse, a doutrina da Trindade é fundamental na estruturação e conservação da fé cristã. Não podemos aceitar o absurdo de sua negação.

A revelação da pessoa e da obra do Pai clarifica-se e se consuma na pessoa do Filho encarnado, o seu revelador único: “*Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é que o revelou*” (Jo 1.18). Aqui, não se diz que o Filho é “um Deus”, revelando “o DEUS”, mas DEUS, revelando DEUS, e isto tão perfeitamente, que aquele que vê o Filho, vê o Pai (Jo 14.9), pois assim como o Pai está no Filho, o Filho está no Pai: “*Não crês que estou no Pai, e que o Pai está em mim?*” (Jo 14.10). Porque ambos, em si mesmos, contêm-se, integram-se, interagem-se na unidade trina, no Deus único; as obras divinas são rigorosamente as mesmas: “*Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras*” (Jo 14.11). Se ambos são co-iguais,

coeternos, co-divinos, coessenciais, consubstanciais e consensuais, o Filho não pode ser “obra do Pai”, a “primeira criatura da criação”, como pretendem os TTJ.

Trindade no Velho Testamento.

A revelação gradativa, processada paulatinamente, revelou-nos o Deus trino único das Escrituras. Hoje, somente os cegos e os tendenciosos não se defrontam com a divindade revelada nas pessoas distintas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que já se manifestavam, embora de maneira discreta, do ponto de vista revelacional, no Velho Testamento, em imagens, figuras e símbolos como, por exemplo:

a- A ação de um Deus plural como em Gn 1.16 e Gn 11.27.

b- Os três elementos dinâmicos da criação: O Criador, o Logos (Palavra criadora) e o Espírito(Gn 1.1-3). Aparecem, neste texto: Deus criando o universo. O Espírito de Deus “pairando sobre as águas” primevas do caos. A Palavra(Logos) causando a dinâmica criadora: “Haja...”, e houve.

c- O Anjo de Javé (Mala`ak YHWH) que, ora se iguala a ele, ora se diferencia, identificando-se com o Verbo ou Filho encarnado(Gn 16.7-13; Gn 18.1-21; Gn 19.1-28; Ml 3.1) é, na opinião de Van Groningen¹⁶, seguindo Calvino, o Messias pré- encarnado. Então, quem falou na “Sarça Ardente” foi o Messias, Filho de Deus(Ex 3. 2ss). Nesse episódio, o Anjo do Senhor é chamado de Yhwh(v. 4ss). Portanto, o EU SOU da revelação sinaítica não é outro senão o Messias, Jesus Cristo, Filho de Deus, que a si mesmo se chama EU SOU- EGO EIMI, em várias oportunidades¹⁷: Eu sou a Luz, eu sou o caminho, eu sou a verdade, eu sou a vida.

d- Menções recíprocas interpessoais das pessoas divinas(Is 48.16; Is 61.1; Is 63. 9,10). Nos textos aludidos, a menção ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo são claras, e a messianidade fica comprovada por citações neotestamentárias. Os vestígios e as pegadas do Deus trino são evidentes e fortes no Velho Testamento, tornando-se diamantinas, perfeitamente visíveis e verificáveis no Novo Testamento, não como três “modos” de operação ou revelação de Yhwh, mas por intermédio de três Pessoas inegavelmente distintas e com ministérios específicos, conforme a economia do Deus soberano.

Trindade no Novo Testamento.

No Velho Testamento, a Trindade é imaginada ou percebida por meio de atos e pronunciamentos do Pai, do Filho e do Espírito Santo, mas tudo a meia-luz, não permitindo à mente humana visualizar os perfis das pessoas trinitárias, distinguindo-lhes a especificidade ministerial. No Novo Testamento, tudo vem à luz. O Deus trino plenamente se manifesta em textos como Mt 3.16,17: ***“Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito Santo de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”***. O Pai, pessoa real e individualizada. O Filho, Verbo encarnado, absolutamente concreto e histórico. O Espírito Santo, ser objetivo, indiscutivelmente verdadeiro, que pode “ser visto” pelo nobilíssimo batizando (*eiden*-aor. de *horao*¹⁸ - *viu de maneira concreta, clara e absoluta*. A Trindade estava, por suas pessoas distintas, mas consensuais, co-iguais e consubstanciais, no batismo de Jesus Cristo, estabelecendo o princípio da declaração batismal trinitária, verificada em Mt 28.19: ***Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo***. Se o Pai e o Filho são pessoas, fato que os TTJ não podem negar, o Espírito Santo igualmente o é, pois também em seu nome Jesus ordenou o batismo. A Trindade está

presente, por outro lado, na Bênção Apostólica, registrada em II Co 13.13: **“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.”** Para reforçar a ideia da Trindade, vejamos outros textos do Novo Testamento:

a- I Pe 1.2: *“Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas”*(grifos nossos).

b- Ef 4.4-6: *“Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos e está em todos”*(grifos nossos).

c- Jo 14.26: *“Isto(Eu) vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”*(grifos nossos).

O cristão verdadeiro crê num Deus único, cujo unicidade se estabelece pelo amor consensual eterno entre as Pessoas distintas, mas formando um só corpo divino, DEUS: Pai = Filho = Espírito Santo. Os três são UM sem a mínima contradição, sem qualquer propósito divergente, sem incidência de contraditório. Sempre foi assim, e assim eternamente será. Para as Escrituras e para nossa fé não há questionamento: Deus é nosso criador, salvador, preservador, consolador, guia, rei e mestre nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Rejeitamos sumária e veementemente o antitriniteísmo dos TTJ.

As Pessoas Trinitárias.

Deus, o Pai.

O Pai, sendo o primeiro a ser clara e indiscutivelmente revelado tanto no Velho como no Novo Testamentos, dispensa comentário a seu respeito. Basta apenas dizer que ele recebe a designação de Pai, não por nossa causa, seres criados e não gerados por ele, mas em decorrência da paternidade eterna de seu unigênito Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. Quando Cristo o chama de Pai, semelhante tratamento se reveste de conteúdo real, pois verdadeiramente ele é o Pai eterno do Filho eterno. Quando nós o chamamos de Pai, devemos entender que não dizemos a mesma coisa pronunciada pelo seu Filho amado, pois somos-lhe filhos por adoção mediante graciosa intervenção de Cristo Jesus e do Espírito Santo (Jo 1.12). Somos filhos por regeneração; Cristo é filho por geração eterna, conforme a nossa fé credal. Por outro lado, a paternidade divina sobre nós é estabelecida e exercida pelo Filho.

Deus, o Filho.

A divindade de Cristo é irrefutável. As funções que o Pai exercia no Velho Testamento, o Filho as exerce no Novo como, por exemplo:

a- A de ter a palavra divina autoritativa. Cristo disse, falando com a autoridade divina: *“Se vós permanecerdes na minha palavra (grifo nosso), sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”*(Jo 8.31 cf Jo 14.10; Jo 15.3; Jo 12. 47; Jo 15.3).

b- A de possuir, como o Pai, a Palavra eterna: *“Passará o céu e a terra, porém, as minhas palavras não passarão”*(Lc 21.33). Aqui o Messias fala da “garantia” de cumprimento das profecias escatológicas, garantia que somente um ser divino poderia dar com tanta segurança; e isto porque a sua palavra é eterna. Poderão alegar, citando Jo 14.10

cf 14.24, que Jesus não falava de si mesmo. Claro, nenhuma pessoa da Trindade fala por si mesma, pois não há individualismo no conjunto trinitário: os três são UM.. O próprio contexto imediato posterior(v.11) da possível alegação contrária esclarece a unidade indissolúvel e consensual de Pai – Filho: “*Não crês que estou no Pai., e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras*”; isto é, se Cristo faz as mesmas obras do Pai, deve-se concluir que é igual ao Pai em essência, natureza, ação e poder: O Filho e o Pai são UM.

c- A de redimir e salvar o seu povo(Mt 1.21; Lc 1. 76-79; Lc 2.17; Jo 4.42; At 5.3; Gl 3.13; Gl 4.5; Fp 3.30; Tt 2.13,14 etc). O Salvador revelado, histórico e percebido de Israel é Yhwh; o da Igreja é Jesus Cristo.

d- A de reeditar e reformular os mandamentos de Javé no Sinai: “ *Ouvistes o que foi dito aos antigos...Eu, porém, vos digo...*” Mt 5.2 cf Mt 5.27; 5. 33; 5.38; 5.43). Pode, perguntamos aos TTJ, um “ser criado”, subordinado ao “Todo – Poderoso Jeová”, refazer com várias alterações, os magnos e perpétuos mandamentos de seu Pai, chamando para si tamanha responsabilidade com fundamento em sua própria autoridade pessoal: “***Eu, porém, vos digo***”? Somente o próprio Deus podia fazer isso; e o Filho, Emanuel, Deus conosco, fez.

e- A de ser adorado ao lado do Pai: “*Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor*” (Ap 5. 12 cf Ap 5. 13). “*E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem*”(Hb 1.6,7). “*Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra*” (Fp 2.10 e ainda Lc 24.52; Mt 2.2; Mt 9.18; Mt 14.33; Mt 15. 25; Mt 20.20; Mt 28.17; Jo 9.38; Mc 5.6;). O próprio Messias declarou que o culto é devido somente a Deus(Mt 4.10). A ele se presta culto terrestre e celeste; logo, ele é Deus. Os TTJ, no entanto, negam a Cristo o direito à adoração: “*Não conclua erradamente que os cristãos devem adorar a Cristo; não foi isto o que lhes ensinou. Deveras, ele é um deus, um poderoso, mas não adorou a si mesmo nem ensinou que seus discípulos deviam adorá-lo*”¹⁹. Não podem ser chamados de “cristãos” quem trata a Segunda Pessoa da Trindade de maneira tão depreciativa, tão desprezível!

f- A de se tornar, paralelamente com o Pai, objeto de nossa fé: “*Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim*”(Jo 14.1). “*Disse Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá*”(Jo 11.25 cf At 17.31). Observa-se que no Novo Testamento o “Todo – Poderoso”, Jeová do Velho Testamento, encarna-se em Jesus Cristo(Cf Is 60.19 comparado com Lc 2.32; Is 6.1,3,5 comparado com Jo 12.37-41). Cristo, o Pastor do novo Israel, o legislador, o Salvador, o Mestre, o Senhor da vida e da morte, o Pai da eternidade, o Rei(Kyrios) dos reis, o Senhor dos senhores, é Deus encarnado^{19.a}.

g- A de, pessoalmente, declarar-se YHWH: “*Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU*”(Jo 13.19). Com a expressão “EGO EIMI”, EU SOU, Jesus podia estar dizendo: Eu sou o que digo ser; eu sou o que sou; eu sou um ser eterno; eu sou plenoexistente; eu sou o Ser; eu sou Deus (YHWH). Sendo Jesus a encarnação de Deus e pessoa integrante, unitivamente, da Trindade, é legitimamente o EU SOU, isto é, o Deus eterno, auto-existente. As afirmações bíblicas transcritas no capítulo seguinte mostram, contextualizantemente, que ele realmente é Deus, o EU SOU, YHWH²⁰.

h- A de possuir atributos divinos como: eternidade, auto-existência, imutabilidade, amor, verdade, santidade(vejam Jo 1.4; Jo 14.6; Jo 5.26; Hb 7.16; Hb 13.8; I Jo 3.16; Lc 1.35 e outros).

i- A de realizar obras próprias de Deus como: criação e preservação (vejam Jo 1.3; I Co 8.6; Hb 1,10; Ap 3.14; Cl 1.17; Jo 5.27-29; Mt 25.21,32.)²¹.

A Divindade Declarada do Filho.

Em Jo 1.1,2 diz-se expressamente que o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Os TTJ, fazendo o texto defender o apriorismo da “unicidade divina” em um único ser, Jeová, adulteraram o original, feriram a gramática grega, desmontaram, para eles, a Trindade, dizendo, pela tradução Novo Mundo, que o Logos era “um deus”. Vejamos, no entanto, que muitos pronunciamentos escriturísticos confirmam a tese da divindade de Cristo:

- a- “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou”(Jo 1.18).
- b- “Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!”(Jo 20.28).
- c- “Deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém”(Rm 9.5).
- d- “Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo”(Tt 2.13).
- c- “Mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre”(Hb 1.8).
- d- “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna”(I Jo 5.20).
- e- “Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo”(II Pe 1.1). (Grifos nossos).

Alguns intérpretes sinceros e outros tendenciosos, por meio de exegeses textuais e contextuais, procuram negar o significado visível, literal, das citações acima. Porém, as evidências bíblicas da divindade de Cristo são tão abundantes e contundentes que não há como ignorá-las, rejeitá-las e negá-las. Eis por que afirmamos com todas as letras: Cristo, o Filho, é Deus.

Deus, o Espírito Santo.

Os TTJ negam a existência do Espírito Santo. Eis como o define Rhuterford; “O espírito santo é a força ativa invisível do Todo – Poderoso Deus, que estimula os seus servos a executar a sua vontade”²². A preconceituosa tradução “Novo Mundo”, em todos os lugares de incidência da expressão “Espírito Santo”, grafa-a com letra minúscula sob a alegação de sua inexistência e de que o termo grego “Pneuma”, “Ruach” em hebraico, significa “vento”, “hálito”, como se uma palavra não pudesse sofrer mudanças de denotações ou ser usada figurativamente. Com todas as aleivosias dos TTJ, não há como negar a pessoalidade e a divindade do Espírito Santo, segundo argumentos e textos abaixo relacionados:

- a- O Espírito Santo é o Paráclito = Advogado. Jesus afirmou que enviaria “outro Consolador”; isto porque Jesus é um Consolador(I Jo 2.1). Ora, se Jesus é “um”, e é pessoal, o “outro”, enviado, é igualmente pessoal, e com funções diferentes, embora complementares(Ler Jo 14.16,,26; Jo 15. 26; Jo 16. 7 cf I Jo 2.1). Eis a declaração do Mestre: “E eu rogarei ao Pai, e ele dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco”(Jo 14.16). O Espírito -Paráclito- age separadamente do Filho: “Se eu não for, o Consolador não virá para vós”(Jo 16.7). Portanto, não se trata de “força ativa de Deus, como ensinam os TTJ. A pessoalidade tanto quanto a divindade do Paráclito são inegáveis.

d- O Espírito Intercessor. Não se pode imaginar um “vento”, uma “força ativa”, exercendo os ministérios do fortalecimento e da intercessão: “*Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos*”(Rm 8.26,27). Pode, porventura, um “vento” interceder, fortalecer os fracos e ter mente?

c- O Espírito Emite Parecer: “*Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...*”(At 15.28). Na verdade, o Espírito Santo é quem levava os apóstolos a ordenarem, agirem, falarem e escreverem conforme as corretas determinações divinas, pois ele nos ensina todas as coisas.

d- O Espírito Convence: “*Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo*”(Jo 16.8). Você conhece um “vento” (ou força) que convence o mundo?

e- O Espírito Ensina: “*Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome ,esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito*”(Jo 15. 26). “*Porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer*”(Lc 12.12 cf I Co 2.13). Você conhece um “vento” (ou força) no exercício do magistério eclesiástico?

f- O Espírito Fala. “*Então disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro e acompanha-o*”(At 8.29). “*Disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado*”(At 13.2). Você já viu um “vento” (ou força) falar, determinar, ordenar?

g- O Espírito Guia. “*Se, porém, sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da Lei*”(Gl 5.18). O que se estabelece aqui é: A incapacidade da Lei em contraste com a capacidade e a disposição do Espírito para orientar a vida regenerada do cristão. Quem é conduzido pelo “vento”, deixa-se levar por elemento natural, impessoal e imponderável da natureza. O Espírito conduz o salvo em Cristo Jesus no caminho da verdade e santidade cujo destino final é o reino consumado do Cordeiro.

h- O Espírito Impede Missão. “*Tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu*”(At 16.6,7). Você já viu um “vento” (ou força) emitindo ordem negativa contra os desejos dos apóstolos?

i- O Onisciência do Espírito. “*Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; Porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus*” I Co 2.10 cf I Co 2.11). Perscrutar, conforme Aurélio é: “1- Investigar minusiosamente, indagar, pesquisar. 2- Procurar devassar o futuro. 3- Procurar conhecer, estudar, sondar, penetrar. 4- Investigar, indagar com escrúpulo, esquadrinhar, perquirir.” Você já viu um “vento” ou “força ativa de Deus” “*perscrutar até mesmo as profundezas de Deus*? Você não acha que é muita pessoalidade, autoridade, inteligência, sabedoria e capacidade inigualável de perquirição para uma “força ativa de Deus”?

j- O Espírito Concede e Administra Dons Espirituais. “*Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas; distribuindo-as como lhe apraz, a cada um, individualmente*” I Co 12.11). Você já viu um “vento” (ou força) realizando, administrando, ministrando e individualizando dons carismáticos?

k- Espírito, sujeito a blasfêmia. Por isso vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada”(Mt 12.31 cf Mt 1232; Mc 3.29; Lc 12.10). No contexto, a blasfêmia contra o Espírito Santo é

relacionada, antiteticamente, à blasfêmia contra o Filho do Homem. Portanto, são duas pessoas sujeitas a tal tipo de pecado. Afirmar que o Pai e o Filho não agem por meio de uma pessoa, mas por intermédio de um “vento” ou “força ativa”, significa blasfemar contra a divindade e, especialmente, contra o Parácleto. Os TTJ, por ignorarem e menosprezarem a Terceira Pessoa da Trindade, cometem pecado imperdoável.

l- O Espírito Pode Ser Tentado. *“Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor?” (At 5.9).* Um “vento” (ou força) pode ser tentado?

m- O Espírito pode ser Resistido. *“Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós fazeis” (At 7.51).* Resistir, neste contexto, significa: não se submeter, não obedecer, opor resistência moral e espiritual, não acatar, conhecer mas não aceitar. Blasfema-se contra Deus, não contra uma força da natureza.

n- O Espírito Pode Ser Entristecido. *“E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção”(Ef 4.30).* Você já viu alguém “entristecer” um “vento” (ou força)? Somente uma pessoa, provida de sentimento, princípios éticos e razão pode ser entristecida.

Diabo, um filho de Deus?

Os TTJ ensinam, pelo ministério magisterial de Russel e Rutherford, que Cristo não é Filho de Deus, mas uma “criatura”, embora seja a primeira a ser criada e a mais importante na ordem criacional, mas efetivamente uma *criatura*. Sustentam, por outro lado, a doutrina ou dogma (não somente uma hipótese) de que ao Filho criado Jeová concedeu poderes de associado na obra da criação e de governo do universo, tanto o emergente como o consolidado. Paradoxalmente, colocam Satanás na privilegiadíssima condição de “filho de Deus”, contrastado com Logos, simples “criatura”. A “diabologia” russelita encontra-se expressa no *“Seja Deus Verdadeiro”* nos seguintes termos

a- *“Aquele que agora é o Diabo não foi sempre assim. Houve um tempo em que desfrutou uma alta posição na família de Deus. Era um filho espiritual de Deus.”*

b- *“Como filho de Deus, foi-lhe dada uma posição de grande confiança e responsabilidade: o de superintendente da humanidade”²³.*

Comentemos estas incríveis afirmações, agressivamente heréticas:

>Cristo, na doutrina cristológica dos TTJ, não passa de um “ser criado”; não o Filho eternamente gerado de Deus, mas apenas uma inicial “obra de criação de Jeová”. O Diabo, no entanto, recebe a honrosa qualificação de “filho espiritual de Deus” e de ter assumido, em tempos imemoriais, antes da criação e da queda satânica, “uma alta posição na família de Deus”. Isto nos leva a entender que eles acreditam que: a- O Diabo antecedeu ao Filho de Deus, sendo mais glorioso que ele em virtude da filiação divina, privilégio que “a Primeira Criatura”, o “Associado”, não recebeu de Jeová. b- A humanidade, inicialmente, não foi entregue à superintendência do Filho de Deus, “a criatura”, futuro “associado” de Jeová nos feitos criadores, mas a Lúcifer, o Diabo: *“Foi-lhe dada uma posição de grande confiança e responsabilidade: o de superintendente da humanidade”(grifo nosso).* A nossa felicidade, e a das deles também, foi a “queda de Satã.” Se ele tivesse permanecido fiel no exercício da superintendência, seria hoje nosso chefe, executivo e supervisor. Somente na cabeça de homens sem escrúpulo e, conseqüentemente, sem Deus, cabe tamanha irreverência e tão imensa coragem profanadora do inefável nome do Salvador. Trata-se, realmente, de descaridosa afronta ao Redentor, Emanuel, Deus conosco.

Cumpre-nos o dever de alertar os TTJ de que o Diabo não passou e não passa de mera criatura espiritual, e que a Segunda Pessoa da Trindade, o Verbo encarnado, esse,

sim, é o Unigênito do Pai, eternamente gerado, “*Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei*”(Hb 1.5)?

O inacreditável é que o senhor Rutherford acredita, citando Ap 12.7-9, que o Diabo, quando tentou o homem na Éden, ainda não havia “caído”, pois sua queda dos céus deu-se, conforme as profecias russelitas, de 1914 a 1918. Admitindo que a queda de Lúcifer,” consequenciou a do homem, transformando-o em “pecador; forçados somos a concluir que os céus, por longos e imensuráveis tempos, foi “habitat” dos “infernais” anjos caídos. Então, o céu acabou “virando um inferno”, se dermos ouvidos à teologia jeovista. É a isso que levam intérpretes inconscientes e inescrupulosos. Verifiquemos parte do texto mencionado com a conclusão “rutherfordiana”: “*Miguel e os seus anjos batalharam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos; mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele.*” “Há muitas evidências de que esta visão se realizou durante 1914 – 1918 E.C.(grifo nosso)”²⁴.

Podem crer: não há seita mais contraditória e mais herética, cotejada com parâmetros doutrinários das Escrituras e da Reforma, que a dos TTJ.

Os seus formuladores de preceitos dogmáticos estabeleceram que o Diabo será aniquilado, exterminado, morto no lago de enxofre, por ocasião do grande juízo. A Bíblia diz o contrário:

- a- “O Diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde também se encontram não só a besta como o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos”(grifo nosso).(Ap 20.10). Aqui se expressa indubitavelmente, a doutrina do “castigo eterno” tanto para os demônios como para todos os réprobos, representados nas figuras da besta e do falso profeta: “*Serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos*”, isto é, intensa, contínua e eternamente.
- b- “*Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos*”(Mt 25.41).
- c- “*E irão estes para o castigo terno, porém, os justos para a vida eterna*”(Mt 25.46).

Os malditos, isto é, os reprovados, irão para o fogo eterno, onde estarão o Diabo e seus anjos malignos. Não há como evitar o literalismo da condenação, a não ser que queiramos adulterar o pronunciamento do divino Mestre, entendendo que, sobre questões escatológicas, somos mais sábios e mais informados que ele.

Cuidado com os seus “missionários a domicílio,” pois são essas heresias que vivem e ensinam sob o título “convincente” de “estudos bíblicos”.

Jesus Cristo, um Mortal?

Sobre a inaceitável e estapafúrdia doutrina russelita da mortalidade de Jesus Cristo, permitamos que os nossos ouvidos sejam agredidos pelo que nos diz, a respeito, o próprio Rutherford:

“...Até o homem Cristo Jesus era mortal. Não possuía uma alma imortal: Jesus, a alma humana, morreu.”

“As Escrituras mostram definitivamente que a imortalidade pertenceu originalmente apenas a Jeová Deus. Cristo Jesus foi o primeiro a receber a imortalidade como uma recompensa ao seu proceder fiel na terra(grifo nosso), e é também conferida agora como galardão aos que pertencem à verdadeira congregação ou “corpo de Cristo”. A imortalidade é uma recompensa dada por fidelidade”²⁵.

Ressaltemos os absurdos da alegação russelita da imortalidade de Cristo:

Se ele recebeu a imortalidade por causa de seu *“fiel proceder na terra”*, conclui-se que, no céu, antes da encarnação pela qual se lhe deu a “oportunidade de ser fiel”, o Filho de Deus era infiel, ou simplesmente um ser moralmente neutro? Não gozava da bênção da imortalidade? Os TTJ entendem, pelo depoimento supra, que não. Mas ele foi privilegiado, segundo eles, como “primeiro ser criado.” Fizeram-no virar da posição primaz “sobre todas as coisas”, à de um simples mortal, equiparado a qualquer pecador que “recebe”, por merecimento, à semelhança dos “testemunhas”, a dádiva da imortalidade. Cristo, antes da encarnação, conforme o herético Rutherfor, era mortal. Que desrespeito àquele que diz: *“Eu sou a ressurreição e a vida!”* (Jo 11.25). Além do mais, a salvação pelas obras fica plenamente estabelecida pela declaração enfática: *“A imortalidade é uma recompensa dada por fidelidade”*. Sem nenhum pudor teológico, desqualificam o Filho de Deus, nosso Redentor, e estabelecem um sistema sotérico escandalosamente arminianista e racionalista.

Sobre Cristo, as Escrituras comprovam-lhe: a explícita divindade, a imortalidade, a eternidade, não somente por Jo 1.1-3,18, mas por outros tópicos indiscutivelmente claros:

a- I Jo 5.20: *“...Estamos no Verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna”* (grifo nosso).

b- Is 9.6: *“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz”* (grifo nosso). Trata-se de uma profecia messiânica em que o Messias prometido seria, e efetivamente é, *“Deus forte, Pai da eternidade.”*

c- I Tm 6. 14-16 (texto invocado pelas TTJ): *“...que guardes o mandato imaculado, irrepreensível, até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo; a qual, em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém”* (grifo nosso). O texto menciona o Cristo glorificado em glória ofuscante, incontestável por olhos humanos irregenerados; fala também de seu retorno glorioso e triunfante. Ele, o Cordeiro, “Rei dos Reis e Senhor dos senhores” (cf Ap 17.14; Ap 19.16), é *“o único que possui imortalidade”* em si mesmo na unidade trinitária, e, por isso, credenciado a conceder vida eterna aos seus eleitos na condição de Sacerdote imutável: *“...São feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar; este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”* (Hb 7.23-26). O texto é claro: Cristo, o Rei dos reis, possui imortalidade em si mesmo. O Filho de Deus somente é “mortal” para os TTJ e heréticos similares.

Você, que ama Jesus Cristo, não dê ouvidos a quem lhe nega a divindade e a eternidade existenciais.

Ressurreição Corporal de Cristo.

Os TTJ, pelos seus “falsos profetas”, asseveram enfaticamente que Jesus, sendo humano e mortal, não ressuscitou corporalmente. O seu corpo, vítima perene da morte, simplesmente desapareceu do túmulo. O físico do Divino Mestre teve o mesmo destino de qualquer ser humano inerme: desceu à sepultura, sofrendo a implacabilidade da morte biofísica. Eis, sobre tamanha heresia, o que nos diz “Seja Deus Verdadeiro”:

“Assim, o Rei Jesus Cristo foi morto na carne e ressuscitado uma criatura espiritual invisível. Portanto, o mundo não o verá mais.”

“Levantou-se este primogênito dentre os mortos, não como criatura humana, mas como um espírito”²⁶.

Os “testemunhas”, que a si mesmos se apresentam como súditos do Rei dos reis invisível, que retornou ocultamente; formando, a partir de 1918, o “reino eclesiástico” de Jeová; esses, descaridosamente, afrontam o eterno Logos, rejeitando-lhe a verdadeira encarnação e a real e absolutamente atestada e patente ressurreição corporal. Sobre a estapafúrdia e contraditória doutrina da “oculta ressurreição espiritual” de Jesus Cristo, alinharemos os seguintes e irrespondíveis argumentos:

a- Os TTJ sustentam que “espírito” (**pneumo** -grego e **ruach** -heb.) não é “nada”, não passa de “vento” ou, no máximo, “um poder impessoal ativo de Jeová”. Logo, seguindo-lhes o raciocínio, o que “ressuscitou” foi apenas “um vento” ou “uma força ativa”, jamais uma “entidade viva, pessoal e consciente”. O “nada” não ressuscita. Ou Cristo ressurgiu corporalmente de entre os mortos, ou não ressurgiu.

b- A antropologia cristológica deles é: *Cristo foi um homem; nada mais. E homem não tem alma, porque a alma não existe.* Ora, se alma (ou espírito) não existe; como pode “o espírito” de Cristo “morrer”? E, morrendo, “ressuscitar? O inexistente morre? O que não existe ressuscita? Mas eles “afirmam categoricamente” que o “Espírito” de Cristo levantou-se de entre os mortos, sendo a ressurreição primicial de todos os mortos, garantia da ressurreição dos “fiéis testemunhas de Jeová”. Por um lado, negam a realidade e a pessoalidade existencial do espírito; por outro, afirmam que o “Espírito de Cristo” está ressurreto e vivo com Jeová. Durmam com um barulho desses!

c- Ressuscitar significa “retornar à vida”, levantar-ser, redivivo, de entre os mortos. Ora, eles rejeitam a “existência do espírito” e, causa-lhes horror imaginá-lo em sua existência preexistente. Pois é o que, com a tese da ressurreição espiritual invisível de Cristo, acabam afirmando, contradizendo os ensinamentos da inexistência da alma ou do espírito. De contradição em contradição, vão angariando adeptos incautos. E os que não são incautos, dizem, são rebeldes contra a genuína Palavra de Deus.

d- O que morreu de Jesus foi o corpo físico. E o que morre é também o que ressuscita. Portanto, a ressurreição de Cristo foi corporal; e não podia ser de outra maneira. Espírito não morre; e o que não morre não pode, logicamente, ressuscitar: o imortal não ressurge.

e- Dizem que Jesus “apareceu” em “visões” ou “materializações” de seu anterior corpo físico. Ensinam que o Cristo que subiu ao céu à vista de seus discípulos não passava de um Jesus materializado. Se assim fosse, Deus nos teria enganado, apresentando-nos uma realidade falsa, um Cristo ressurreto imaginário. Sobre a questão, que falem os confusos TTJ; suportemos deles mais estas parvoíces:

“O corpo em que Cristo Jesus foi visto ascender em direção ao céu não foi o corpo pregado no madeiro. Foi o corpo que ele tinha materializado para a ocasião a fim de aparecer a seus discípulos. Quando a nuvem o ocultou da sua vista, então ele dissolveu esse corpo como tinha feito aos outros corpos que revestiu durante os quarenta dias”²⁷. Jesus apareceu com “outros corpos”?

As Escrituras, entretanto, demonstram, diametralmente, o contrário. Leiam os seguintes textos descritivos da ressurreição corporal do divino Filho de Deus:

>”*Por que sobem dúvidas ao vosso coração? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho(grifo nosso).* Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: *Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado [e um favo de mel]. E ele comeu na presença deles”(Lc 24. 38-42).* Cristo comprovou, com argumentos demonstrativos visuais e verbais, de modo irrefutável, a realidade incontestada de sua ressurreição corporal, inclusive dizendo, a viva voz, que um “espírito não podia ter carne e ossos como os tinha o Cristo ressurreto. A resposta do

Mestre aos TTJ é enfaticamente contundente e decisiva. Outros textos ajudam a confirmar o que este declara. Ei-los:

> “...Paz seja convosco! E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor.”(Jo 20.19,20).

> “E logo disse a Tomé: Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não seja incrédulo, mas crente. Respondeu Tomé: Senhor meu e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram”(Jo 20.27-29 cf Jo 2.19-22; Jo 21.4-14; At 1. 9-11; I Co 15.1-19). Reiteremos a afirmação do Cristo ressurreto: **“Apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”**. Diante da autorizada palavra do Salvador devem cessar todos os argumentos contrários. Sustentar o oposto é desmentir o Rei dos reis. Duro será o juízo sobre os TTJ por chamarem o Filho de Deus de mentiroso e tapeador, pois, pelas interpretações russelitas, o Mestre faz os discípulos crer num corpo ressurreto fantasioso, materializado com propósitos enganadores. Não, o Cristo, Verbo encarnado, Deus conosco, é absolutamente real e verdadeiro, digno de toda confiança, reverência, respeito e adoração. Acreditamos, sem qualquer sombra de dúvida, na sua ressurreição corporal, exatamente como apareceu às mulheres piedosas, aos doze reunidos, aos fugitivos no caminho de Emaús, aos discípulos junto ao mar de Tiberíades e a Tomé: corpo palpável, tão concretamente real, que foi capaz de comer peixe assado na presença dos discípulos(Lc 24.42). O Cristo que ressurgiu, embora incorruptível e revestido de imortalidade, possui capacidades ignoradas por nós como, por exemplo, vencer obstáculos físicos: o Filho de Deus ressurreto apareceu no interior de uma casa, “estando as portas trancadas”, para depois submeter-se à prova do tato(Jo 20.19). Paulo ensina que os mortos ressuscitarão transformados, mas em corpos físicos(I Co 15. 35ss), perfeitamente identificáveis.

Os TTJ de Jeová, negando a ressurreição física de Cristo, não sabem o que realmente aconteceu ao suposto corpo morto de Jesus. Ora dizem que tomou o destino de qualquer cadáver humano, ora que se dissolveu em gases. Eis o que dizem: “ *Não sabemos coisa alguma o que veio a ser dele(o corpo do Senhor) , exceto que não se decompôs ou corrompeu... se dissolveu em gases ou se está ainda preservado algures como um memorial de amor de Deus...ninguém sabe*”²⁸. Então, o Todo Poderoso Jeová deu um sumiço no corpo de seu “primeiro Filho criado?” Com que intenção? Fazer-nos crer, “falsamente”, numa ressurreição corporal? Teria o Grande Jeová gaseificado o corpo de seu Unigênito, como insinuem os “testemunhas”, para que finalidade ou propósito? Mantém-no, divinamente embalsamado, em algum lugar secreto para “*memorial de amor*” , conforme supõem os seguidores de Russel? Por que Jeová fez isso? Ele praticaria tão esquisita idiossincrasia? Em vez de inventar que o corpo desfalecido de Cristo dissolveu-se em gases ou está preservado em algum local oculto para “memorial de amor”, muito mais racional e lógico, parece-nos, acreditar no milagre da ressurreição pneumossomática do Messias e aceitar que seu corpo ressurreto, como dizem as Escrituras, está à destra de Deus Pai, de onde governa o mundo e de onde virá, no retorno, para julgar vivos e mortos. Cristo não ficou no túmulo, nem seu corpo viu a corrupção (At 2.27-31). Tratar Cristo dessa maneira desairosa e escandalosamente execrável, somente se admite como atos procedentes de pessoas desprovidas de auto-censura e insanas espiritualmente e desorientadas psicologicamente. Quem fala de Cristo com imagens e linguagens deste jaez, demonstra não ter o mínimo respeito ao Pai e ao seu Filho unigênito. Afastemos de nosso convívio e de nossas mentes semelhantes heréticos e tão depravantes heresias. Até a obrigação, por dever de ofício, de transcrever os absurdos doutrinários deles causa-nos aversão, repugnância.

O Inferno não Existe?

Os TTJ pregam e ensinam que não há inferno, a não ser como sinônimo de sepultura. Sustentamos, contra eles, a existência da “geena”, “inferno tormentoso,” local e estado de sofrimento eterno, para onde os ateus contumazes, os réprobos, os apóstatas irreversíveis e os anjos caídos serão lançados, cumprindo a implacável justiça divina. A nossa crença firma-se nas Escrituras, que não agridem nossa razão nem conturbam nosso bom senso. Para eles, o inferno (tradução de “sheol,” “hades,” “geena e “tártaro”), significa simplesmente “sepultura”. Que nos diga isso o senhor Rutherford: *“Considerando então que inferno significa sepultura ou a cova de sepultamento comum à humanidade, não poderia significar ao mesmo tempo um lugar de tortura ardente ou um lugar de dois compartimentos, um para bênção e outro de tormento ardente”*²⁹.

O céu e o inferno mostram os dois lados de Deus: o imensurável amor e a implacável justiça. O amor de Deus expressa-se imorredouramente no gozo eterno dos justificados e salvos em e por Cristo Jesus. E o local de realização da misericórdia do Redentor é o **Céu**. A ira divina (e horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo) também se realiza eternamente. E o lugar de efetivação intensa e contínua da ira divina é o **inferno**. O mesmo Deus que possui um amor (ágape) inefável, também expressa ódio e furor incomensuráveis contra a perversidade dos injustos:

“Porque um fogo se acendeu no meu furor e arderá até ao mais profundo inferno, consumirá a terra e seus muros e abrasará os fundamentos dos montes” (Dt 32.22.)

“Ora, se Deus não poupou anjos, quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para o juízo” (II Pe 2.4).

A ira sem fim de Deus contra os irremediavelmente corruptos reveste-se de mais candência na seguinte narrativa apocalíptica:

“Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem(grifo nosso), e quem quer que receba a marca do seu nome”(Ap 14.9-11).

Notem bem: a- “A fumaça do tormento sobe pelos séculos dos séculos”; o que significa duração eterna. b- “...não têm descanso algum nem de dia nem de noite”; isto é, são penalizados contínua e ininterruptamente. c- “Atormentados com fogo e enxofre”, expressão que descreve sofrimento imitigável, intenso e extenso.

Assim como, por amor, os salvos deliciam-se das bênçãos eternas; igualmente os réprobos penam eternamente em cumprimento da justiça de Deus. Lembremos que o Pai não perdoou o seu próprio Filho, antes o entregou à morte, e morte de cruz, vindicando nele os pecados dos escolhidos. O Justo não perdoa o injusto; pode justificá-lo, cobrando seus pecados no Cordeiro imaculado, cumpridor da retíssima justiça divina por seu martírio na ignominiosa cruz.

Sobre o inferno e as penas eternas, recorramos ao ensino escriturístico:

> *“E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois, seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme nem o fogo se apaga”(Mc 9.47,48 cf Mc 9.43-46).*

Nenhum sacerdote poderia officiar perante Deus no altar se tivesse o mínimo defeito físico. A perfeição física simbolizava a espiritual. Jesus quebra essa norma simbólica, apelando para a dignidade e a pureza espirituais, mesmo em detrimento da perfeição corporal. O dano à alma leva à perdição, ao inferno; o defeito físico, não.

> “Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio” (Lc 16.22,23).

Os TTJ e os Adventistas do Sétimo Dia fazem inacreditáveis malabarismos exegéticos para desqualificar a parábola do “Rico e o Mendigo”. Porém, se Cristo não acreditasse na permanência da vida consciente da alma (ou espírito) depois da morte, ou duvidasse da existência do céu, para onde vão os redimidos; e do inferno, destino final dos réprobos, local de sofrimento por absoluta alienação de Deus e ausência completa de esperança, de modo algum incluiria tais informações na parábola, que pode não ser a narrativa de um fato real, mas com certeza, é uma história verossímil, um fato realmente possível, um quadro retirado de conceitos verdadeiramente factíveis; nada de mirabolante e fantasioso na urdidura das parábolas do Mestre Jesus. Todas se inserem na realidade da existência humana e comunicam, por meio de figuras simbólicas, a verdade pura. Elas descrevem realidades por meio de imagens objetivas e comparações retiradas da vida real ou de realidades espirituais. Portanto, embora em linguagem parabólica, Jesus sustenta a realidade do **céu** e de seu oposto, o **inferno**.

> “Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos”. “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna”.

Não se trata, no texto em apreço, de linguagem parabólica, mas incisiva e imperativa ordenação do Redentor, separando, no juízo final, os bodes das ovelhas; destinando os rejeitados, que estavam à sua esquerda, para o fogo eterno; o fogo que continua queimando indefinidamente, isto é, um sofrimento interminável.

> “O Diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos(grifo nosso)”- (Ap 20.10).

“Lago de fogo e enxofre” é a “geena” que, diferentemente do “hades”, é a situação final de todos os perdidos, inimigos de Deus, tanto da ordem angelical pervertida como da humana depravada. O “hades” é o estado intermediário dos mortos sem Cristo. Por ocasião do juízo final, o corpo intermediário (hades) dos reprovados bem como o “tártaro” (traduzido por morte em Ap 14. 14) serão lançados no “lago de fogo e enxofre”, isto é, na “geena”; ali padecerão para sempre (Ap 20.10). A tradução literal de Ap 20.14 fica assim: “Então, o tártaro e o hades foram lançados para dentro do lago de fogo.”

Contra, pois, a opinião dos TTJ, o inferno realmente existe; nele Deus executa sua implacável e

perpétua justiça, como no céu expressa seu inefável amor terno.

Os “testemunhas” afirmam que a palavra “sheol”, invariavelmente, significa “sepultura”³⁰. Não, nem sempre. A prova disso é que “sheol” foi empregado para designar a morada dos ímpios como, por exemplo, nas seguintes citações, entre outras: Jó 21.13,14; Jó 24.18-28; Sl 9.16,17; Sl 31.17; Sl 49. 13,14³¹. No Velho Testamento, quando a revelação estava em processo delineante, algumas incidências do termo continham o sentido de “cova”, “abismo” ou “túmulo”, mas em outras, a idéia de habitação dos mortos, especialmente dos perversos, estava presente. Os russelitas tocam a marcha de uma nota só. Admira-nos ver pessoas inteligentes seguindo cegamente o unissônico comando da corneta russelita.

SOMENTE 144.000?

Os russelitas afirmam que os 144.000 de Ap. 14 representam o número total e final dos TTJ, a congregação celeste, o corpo ministerial selecionado ou eleito dos que, do céu,

reinarão e reinarão com o Rei sobre os demais que vivem e viverão na terra. Grande parte dos 144.000 constitui-se dos que Jeová ressuscitou e introduziu na “congregação celeste” (TTJ) em 1918. Ensinam, por outro lado, que ainda há no mundo alguns que comporão o referido número perfeito dos redimidos exaltados ao posto de liderança. Estes são, aqui na existência terrena, os corajosos e eficientes pregadores do reino, os que dão legítimo testemunho de Jeová. Atentem para o que dizem sobre eles mesmos, os “crentes perfeitos e exclusivos”, os 144.000:

> “Em Apocalipse 14. 1,3, a Bíblia é conclusiva ao predizer que o número final dos pertencentes à congregação celestial será 144.000 em conformidade com o decreto de Deus.”

> *“A congregação, pois, se restringe a este número seletivo, predestinado; ele é feito no céu, a capital ou o corpo governante da organização universal de Jeová.”*

> *“A fim de estarem finalmente unidos com Cristo na congregação celeste, os apóstolos e outros que foram escolhidos depois, teriam que terminar a sua carreira terrestre fiéis até a morte, como Jesus o fizera. (I Pe 2.21; Ap 2.10). Embora fossem todos recebidos numa aliança para o Reino ou congregação celestial, não foram imediatamente levados ao céu, unindo-se com a cabeça da congregação, ao morrer. Dormiram na sepultura até a primeira ressurreição à vinda de Jesus Cristo ao templo de Jeová em 1918, quando foram levantados à glória com sua cabeça. (Lc 22.29,30; Ap 20.6). Alguns dos que estão em linha para se associar com Cristo Jesus na congregação celestial ainda permanecem na terra hoje. Contudo, estes também devem terminar sua carreira terrestre fiéis até a morte. De acordo com a Palavra de Deus, quaisquer dos que morrem agora são “mudados, num momento, num abrir e fechar de olhos”, para uma existência espiritual eterna junto com Jesus Cristo no seu “corpo” celestial ou congregação. –I Co 15.42-54; Ap 14.13”.*

> *“Todas as outras criaturas que recebem vida de Deus por intermédio do Reino não farão parte da “congregação de Deus”, mas viverão nesta terra sob o governo de Cristo Jesus e sua congregação nos céus.”*

> *“Nem todas as testemunhas de Jeová esperam ir para o céu. Realmente, apenas uma pequena proporção, um “pequeno rebanho” tem esta esperança. O Todo- poderoso Deus, que coloca todos os membros na sua organização como lhe agrada, limitou a 144.000 o número dos que participam do “corpo de Cristo”, cujos membros reinarão com Cristo no reino celestial de Deus. Apenas um pequeno restante, o suficiente para completar a inteireza daquele corpo, permanece ora na terra”³².*

Dos 144.000 dos TTJ fazem parte os apóstolos e as demais “testemunhas verdadeiras” do passado, que dormiram na sepultura até a “primeira ressurreição” invisível em 1918. A partir dessa data, “reinarão com Cristo na e pela “congregação celeste”. Se o “testemunha” ressurgiu nessa data, ninguém sabe, ninguém viu, a não ser os privilegiados videntes russelitas de então. Se a ressurreição dos “testemunhas” em 1918 não foi corporal, o corpo continua “dormindo”, inclusive os dos apóstolos. O que, perguntamos, ressurgiu? O espírito não pode ser pelas razões seguintes:

a- Espírito, para os russelitas, não existe como ser pessoal consciente e, portanto, não pode ressurgir e, muito menos, exercer qualquer ação, como afirmam que exercem, especialmente a de governar com o Rei do reino jeovista.

b- Admitindo-lhe a existência, um espírito, como já dissemos, não morre e, portanto, não ressuscita. Os “testemunhas”, essencialmente contraditórios, negam, por um lado, a realidade pessoal do espírito e, por outro, “criam” um “imaginário reino espiritual” composto de “espíritos vivos”, ressurreitos, cognitivos e volitivos na tal “congregação celestial”.

O absurdo maior, inacreditável, é que o “candidato” a “testemunha de Jeová” na militância terrestre, aquele que está “em linha para se associar a Cristo”, ao morrer, “ é

mudado num momento, num abrir e fechar de olhos, para uma existência espiritual”. Veiculam, pois, que o “candidato terreno” a testemunha de Jeová, preordenado ao rol dos 144.000, no momento da morte é “transformado” e incluído na “congregação celestial”, mas o seu corpo fica na sepultura, reintegrado ao pó.

Os TTJ são, por convicção própria, dizem ser os mediadores da vida eterna: *“Todas as criaturas que recebem vida de Deus por intermédio do reino(grifo nosso), não farão parte da “congregação de Deus” (dos 144.000-TTJ selecionados), mas viverão nesta terra sob o governo de Cristo Jesus e sua congregação nos céus.”* Há, portanto, à vista do exposto, dois tipos distintos de salvos na ordem soteriológica dos TTJ:

01- Os de primeira categoria, privilegiados, habitantes dos céus, *“co-herdeiros e co-regentes na gloriosa teocracia de Jeová”*³³, membros do corpo seletivo dos 144.000, autoridades espirituais sobre a “grande multidão” de que fala Apocalipse 7.9.

02- Os de segunda categoria, os que ficarão na terra sob o comando do Rei e de seus “príncipes” (os de primeira classe). Estes. Em decorrência do “estado eterno” a que foram submetidos, jamais chegarão ao nível dos membros do restrito e pequeno corpo dos 144.000: é a multidão dos permanentemente comandados por seus “irmãos”(?) eternamente comandantes. Tal divisão por privilegiamento fere a idéia de unidade universal do corpo da Cristo- a Igreja triunfante.

O admirável é: há pessoas que aceitam semelhante doutrina e nela acreditam. São realmente pobres de espírito.

Os russelitas não podem fazer parte dos 144.000 pelas seguintes razões:

a- Eram judeus, não gentios. O literalismo, método adotado pelos TTJ, não nos permite incluir no texto o que ele literalmente não contém: outra raça além da judaica(Ap 7.4-8). Portanto, os jeovistas, essencialmente gentios, estão excluídos da relação dos selecionados descendentes de Abraão. Depois dos israelitas selados, prefigurados no número simbólico de sua totalidade, 144.000, aparece a inumerável multidão internacional, composta de todas as nações, tribos, povos e línguas (Ap 7.9), no meio da qual os “verdadeiros TTJ”, “os príncipes do Todo-poderoso” alegam não estar, pois se encontram, conforme pretendem , na “congregação celestial” espiritualmente ressurretos. A massa redimida cosmopolita e heterogênea a que se refere Ap 7.9, afirmam, subordinam-se a Cristo e aos “testemunhas” dos 144.000, qualificados co-regentes celestiais preordenados.

b- Não havia mulher no seletivo grupo dos 144.000 pelo que se deduz de Ap 14.4. Logo, nenhum elemento feminino, por mais dedicado que seja à doutrina, à ética e à disciplina dos jeovistas, pode ter esperança de “ subir ao céu” para integrar o restritíssimo conjunto dos selados. Como a liderança fanática do “reino” aceita mulheres, inclusive as que saem vendendo livros e revistas da seita e ministrando “estudos bíblicos” de casa em casa, promovem a própria desqualificação para inclusão no seletíssimo rol dos 144.000.

c- Eram homens virgens:

“São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos”(Ap 14.9).

Pelo que se sabe do passado e do presente dos TTJ, não são realmente celibatários vocacionados. O casamento, sabemos, é uma instituição divina, mas os 144.000, certamente, abriram mão do sexo para se dedicarem ininterruptamente ao Cordeiro. Não lhes restava tempo para as esposas (Ap 14.4). Considerando que os seus líderes estelares eram casados; honestamente, literalistas que são, cumpria-lhes excluir-se do grupo masculino celibatário, os 144.000. Entretanto, em oposição à evidência textual, alardeiam que são os exclusivos selados.

Do número total, uma parte já está “reinando” com Jeová nos céus, a partir de 1918, quando aconteceu a suposta e duvidosa “ressurreição espiritual. Pregam, todavia, que um “remanescente fiel”, fora do grupo seletivo, permanecerá na terra como zelador do

patrimônio natural de seu Rei, Jesus Cristo. Tais remanescentes apresentam-se como exclusivos súditos do reino de Jeová

Fora da seita russelita não há salvação, não existe salvo, sustentam. A multidão referida em Ap 7.9 são de TTJ da “congregação terrestre”, salvos, mas privados do privilégio de pertencerem à “congregação celestial”. Todos estão, humildemente, submetidos à autoridade dos “superiores” do “reino espiritual”, príncipes de Jeová.

Síntese conclusiva: Os russelitas estão fora dos 144.000 porque não são todos judeus; casam-se e

constituem família; ambos os sexos ingressam na seita; não fazem voto de castidade.

TTJ e o Sangue.

Sangue, veículo de vida e de morte.

A hematolatria dos TTJ está amplamente defendida e dogmatizada em um livreto, lançado em 1961, com o título: “Sangue, Medicina e a Lei de Deus”. Nele se nega, intransigentemente, a transfusão de sangue. Um dos argumentos é a possibilidade de contaminação, pois o sangue é veículo de inúmeras doenças contagiosas, por ser um campo propício à infestação e proliferação de microorganismos. Medicinalmente falando, os TTJ têm alguma razão. Porém, entre o risco iminente de óbito e uma possível contaminação, prefere-se o mal menor; e muitíssimas vidas têm sido salvas. O número de mortes em consequência de sangue contaminado transfundido, estatística e proporcionalmente, é muito menor que as curas obtidas. Os benefícios, indubitavelmente, superam os malefícios. A necessidade de sangue para um paciente submetido a uma cirurgia profunda e extremamente arriscada é enorme e, na maioria dos casos, imprescindível.

Sobre a transfusão.

Os TTJ ensinam que doar ou receber sangue significa “dar ou receber uma parte da alma. E, nesse caso, não se poderia “amar a Deus com “toda” a alma”. Literalismo ingênuo, primário e inconseqüente. Um “testemunha” que tenha baixo teor de células hemácias- leucócitos, plaquetas e hemoglobina; infecções localizadas ou generalizadas- hemopatias diversas; hemorragias internas ou externas(hemofilia); que seja vítima de acidentes com fortes sangramentos, esse se encontra privado de parte de seu sangue, não podendo, pela mesma lógica, amar a Deus com “toda” sua alma, isto é, “com todo o seu sangue”, mas também não o terá para doá-lo. O exemplo mais candente e complicador, no entanto, é daqueles que, embora sendo TTJ, sejam aleijados, faltando-lhes membros como braço ou perna. Nesse caso, a alma deles também sofreu mutilação? Podem eles, conforme raciocinam, amar a Deus de “toda” alma, quer dizer, de todo o ser ou corpo?

Transfusão Universal.

O primeiro a transfundir sangue, apesar dos “testemunhas”, foi o “Todo Poderoso Jeová, ao estabelecer a sucessão pela reprodução procriativa, processo a que se submetem todos os seres vivos pulmonares, no estado protoplasmático ou fetal. Literalmente a progênie humana alimenta-se do sangue progenitor. Em termos mais diretos e claros: o filho “bebe” o sangue da mãe. O cordão umbilical é o “hemoduto” pelo qual o líquido sangüíneo é transfundido do organismo materno para o corpo do descendente; fenômeno observável na proliferação geral, incluindo aqueles que foram criados à “imagem e semelhança de Deus”. Não há um servo de Deus sequer que não tenha se alimentado, durante todo o período intra-uterino, de sangue humano; e isso por ordenação divina. Toda mãe pode, legitimamente, dizer de seu descendente: Você é sangue de meu sangue, carne de minha carne, osso de meus ossos. Diante da veracidade, inegabilidade, realidade e

universalidade do sistema geracional, todos os TTJ, querendo ou não, receberam sangue materno transfundido: é a divina transfusão. Ninguém gerou nem possui seu próprio sangue; herdou-o de seus antepassados.

O plasma sangüíneo sofre transformações constantes por contínuas mortes celulares e conseqüentes reposições por renovação. O sangue de uma criança, do ponto de vista da permanência de cada célula, não se mantém inalterável até a velhice. A mutabilidade do sangue decorre da mutabilidade da alma ou vice versa? O líquido hemácio muda; a alma não, pois uma coisa não se confunde com outra e nem dela decorre. A alma é um ente de natureza espiritual; o sangue é um componente químico-físico do organismo animal.

O Sangue do Sacrifício.

O sacrifício no Velho Testamento exigia, por causa da tipologia implicada, o derramamento de sangue. Nesse ato de culto, há dois simbolismos opostos e, ao mesmo tempo, convergentes: Vida e morte. O sangue é a vida; e a vida pertence a Deus. Derramando o sangue em sacrifício a Javé, o sacrificado perdia a vida para Deus recebê-la. A nossa vida inclusa na vida de Cristo foi derramada diante de Deus pelo derramamento de seu sangue. Sem derramamento de sangue, isto é, sem morte física, não há remissão de pecados.

Porque o sangue significava a vida, e esta pertencia a Deus, vedado ficava ao homem apropriar-se do que pertencia, com exclusividade ao Senhor. A morte é a saída da vida física e entrada na vida eterna. Portanto, derramar o sangue, isto é, perder a vida biológica, significava entregar-se e dedicar-se eternamente a Deus. O simbolismo sacrificial, sombra do verdadeiro, perdeu o sentido, porque Cristo, substitutivamente, morreu por nós, quebrando o tabu da tipologia soteriológica, desautorizando, na aliança da graça, a hemolatria. A minha vida pertence a Cristo, que a entregou ao Pai pelo derramamento de seu castíssimo sangue. Na verdade, a vida do adorador, que estava no sangue, era propriedade de Javé, que dispunha dela como bem lhe aprouvesse. Eis porque o Redentor, dispondo do sangue, o entregava expiatoriamente sobre o altar: *“Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue em virtude da vida”* (Lv 17.11). A expressão: *“Em virtude da vida”* deve ser traduzida: *“À custa da vida”* ou *“Em lugar da vida”*³⁴. Na presente dispensação, o Senhor da vida pode dizer, sem a mínima ofensa ao Pai: *“Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia; pois a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida”* (Jo 6. 54,55). Isto pode ser dito assim: Quem receber a vida(figurada no sangue) que de mim procede, tem-na eternamente. Como o sacerdote vetotestamentário comia a carne do sacrifício, o crente, da universal família sacerdotal de Cristo(I Pe 2.9,10), **come**, espiritualmente, a carne do Cordeiro sacrificial, Jesus Cristo. Cada crente regenerado, dotado da vida eterna, alimenta-se, misticamente, do sangue de Cristo, o único que, na dispensação da graça, reveste-se de conteúdo vicário, produzindo a vida perene em cada redimido. Qualquer outro sangue, animal ou humano, nada significa teologicamente. Na ordem dada a Pedro, em visão, para matar e comer *“toda sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu”* (At10.11-16), o Salvador não observa, como faria um TJ, que, comer sim, mas depois de esgotar completamente o sangue. Nada lhe foi dito a respeito. A expressão: *“Descendo do céu”* quer dizer: tudo agora é santo, autorizado por Deus, tanto a apropriação de animais, antes rejeitados por escrúpulos religiosos, como a recepção dos gentios, considerados anteriormente imundos. Tanto era impuro o animal não selecionado para o holocausto como o gentio. Ambos Deus não admitia no sistema litúrgico protótipo. Em suma: a hemolatria jeovista é anacrônica e despida de fundamentos teológicos. Ela resulta de literalização inconseqüente de tipos desfeitos, pois o que tipificavam realizou-

se em Cristo Jesus. Agora, ao crente é ordenado comer de tudo que se vende no mercado, incluindo a carne vermelha em virtude do sangue entranhado(At. 10.25-27 cf At 6.13). Rejeitar a transfusão por questões religiosas é, efetivamente, atraso e pobreza de espírito³⁴.

A Transfusão e o Mandamento.

O preceito imperativo da seita jeovista, ideologicamente formulado: *Não transfundirás o teu sangue*, pode redundar na quebra de um dos mais sérios, importantes e candentes mandamentos do decálogo: “*Não matarás.*” Um pai “testemunha” que recuse, formalmente, permitir que seu filho, debilitado em seu sistema circulatório, receba sangue, e ele, em consequência da paterna negação, venha falecer, certamente o seu genitor quebrará o sexto mandamento(Ex 20.13), incorrendo na penalidade preconizada por “Jeová”, o Todo Poderoso legislador. Entre um mandamento humano e um divino, a qual devemos obediência? A resposta para o servo de Cristo é óbvia: o de Deus.

O Sangue Contaminado.

A mesma tese da sujidade infectante do sangue, levantada pelos TTJ, para impedir a transfusão sangüínea, serve, por outro lado, para obstacular ou, no mínimo, conspurcar o amor hemocêntrico dos russelitas: *Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu sangue(quer dizer, com toda a tua alma)*. Como Deus pode receber um “amor santo e puro” por meio de um sangue tão sujo, repleto de toxinas e microorganismos? Se o meu sangue “não presta” para ajudar o meu próximo, também não serve para glorificar a Deus. Um meio transmissor de doenças, algumas mortais, não deve ser, consequentemente, veículo de bênção interativa e dialogal entre o seu proprietário infectado e infectante e o imaculado Salvador. Quem não pode doar o seu sangue ao semelhante necessitado, igualmente não pode doá-lo ao seu Redentor.

A medicina moderna toma todas as precauções cabíveis para não captar sangue contaminado, diminuindo muitíssimo, a quase zero, o risco de contaminação. O autor do presente trabalho, em 1968 e 1982, recebeu transfusões de sangue, meios de que Deus se utilizou para mantê-lo vivo e sadio até hoje, novembro de 2001. E, naqueles tempos, os cuidados eram menores e os recursos científicos inferiores. O fantasma da contaminação, na mente preconceituosa dos TTJ, é imenso; tudo por conveniências preconcebidas e tabus religiosos.

Não tenha medo, se puder, de doar o seu sangue. Não fique receoso, se necessitar, de receber ou permitir recepção de líquido ou soro sangüíneo. Se você pode salvar vidas com seu sangue, não deixe de fazê-lo; Deus o recompensará.

O Resgate.

Os TTJ não professam a doutrina da expiação; não crêem que Jesus veio, “fez-se pecado” por nós e, em decorrência, sofreu a penalidade em nosso lugar, isto é, continuamente expia nossos pecados pela sacrifício de efeito e consequência eternos. Para eles, Cristo não nos substitui na morte vicária, mas, mediante sua existência sem pecado, Jeová “resgata” (solta, liberta) os que o seguem e são inteiramente fiéis ao Todo Poderoso Deus e guardam integralmente os seus mandamentos. Deus regata o pecador pela introdução no seu universo próprio (o seio da humanidade), de “Um Homem sem Pecado”. Nada de substituição, expiação e regeneração. Aos “benefícios” do sacrifício de Cristo farão jus os que permanecerem fiéis. A salvação, portanto, na soteriologia jeovista, depende dos méritos do pecador. Acreditam na salvação pelas obras pias resultantes do esforço pessoal do seguidor jeovista. Para eles, o princípio reformado da “sola gratia” é inteiramente despropositado e inútil. Não aceitam a doutrina da “fé salvadora”, um dom gratuito de Deus. Defendem uma fé racional, produto da vontade, do desejo, da decisão e da opção do homem. Os que almejam o resgate, devem “informar-se da misericórdia de Deus em Cristo Jesus e permanecerem firmes nessa confiança.” O resgate, segundo os

russelitas, firma-se, não no sacrifício vicário de Cristo, mas na sua “obediência” pessoal e na de seus perfeitos seguidores: *“Por meio da obediência indefectível Jesus provou a perfeição do seu organismo humano, bem como da devoção a seu Pai. Por esta razão foi exaltado e feito Sumo Sacerdote para entrar no “próprio céu” onde ofereceu o valor de seu sacrifício humano perfeito em favor de “todos os que lhe obedecem”*³⁵. Cristo, como se notou, não “redime” pelo seu sangue derramado, “resgata” pelo “valor de seu sacrifício oferecido ao Pai”. Quem obedece a Jeová, adquire direito ao “valioso” sacrifício de Cristo em seu favor.

Pode um cristão reformado aceitar tão crassa e absurda heresia de um sistema auto-sotérico de resgate merecido?

Escatologia.

A idiossincrática doutrina escatológica dos TTJ é, resumidamente, a seguinte:

Em 1914, Cristo voltou invisivelmente à terra, marcando o fim do tempo dos gentios e o início do tempo final do reinado de Satanás. Cristo, tendo dominado os poderes gentílicos e derrotado as potências malignas, recebeu de Jeová o domínio geral. Em 1918, o Sumo Sacerdote entrou no “templo espiritual”, iniciando a sua purificação e marcando o começo do julgamento e inspeção de seus seguidores gerados em espírito, os “testemunhas”. Os crentes jeovistas falecidos levantaram-se dos sepulcros, onde dormiam, não em corpos físicos, mas espirituais (então espírito existe?) e juntaram-se a Cristo no “templo espiritual”. A localização de tal templo não se define. Os russelitas vivos sobre a terra não podem encontrar-se com os irmãos ressurretos(?), mas se mantêm, pelo poder de Jeová, sinceros e íntegros até a morte. Imediatamente após a morte, o salvo geovista é “transformado” pelo Grande Deus e, nesse estado, entra na vida espiritual do templo, onde estão e estarão somente os eleitos selecionados para “reinarem com Jesus”. No final da coleta, o número total dos crentes reinantes (144.000) estará completo. Por enquanto, alguns permanecem na terra, os féis “testemunhas”. A existência dos “jeovistas”, o “verdadeiro povo do “reino teocrático” de Jeová, é a prova de que Cristo voltou e já está separando as ovelhas dos cabritos.

Além da ressurreição dos 144.000 em processo de complementação, haverá uma ressurreição terrestre, logo depois do “Armagedom”, a grande, sanguinolenta e terrível batalha em que Satanás será “derrotado e amarrado” por mil anos. Dessa batalha os crentes jeovistas não participarão, pois o próprio Jeová, por seu comandante Jesus Cristo, empreendê-la-á com suas milícias angélicas. No fim do milênio, Satanás e seus anjos serão libertados e terá a incumbência de provar a fé e a integridade dos “testemunhas” sobre a terra. Com sua mente pervertida, tentará, de novo a:

a- Usurpar a posição de Jeová.

b- Fazer a humanidade retroceder ao barbarismo da incredulidade;

c- jogar a humanidade milenária aperfeiçoada contra o Grande Deus. Alguns cairão. Esses, porém, por se aliarem a Satã, serão com ele lançados no “lago de fogo e enxofre” para serem exterminados em “eterna destruição”. Para os rebelados contra Jeová e seu Cristo não haverá ressurreição. Começará, nesse ponto, a eternidade. O inferno, para os TTJ, não é um local e estado de sofrimento eterno, mas a “destruição definitiva” sem qualquer tipo de dor prolongada, como “afirmam os cristãos clericais”, os que deles divergem. Tal posição contrasta-se, por exemplo, com a Palavra de Deus em textos como Mc. 9.47,48; Ap 14.11, Lc 16(parábola do Rido e Lázaro). A escatologia jeovista pressupõe a doutrina da não existência da alma. Dizem que “o homem é uma alma, não possui uma alma”. A morte, para eles, é o “fim da existência”. Diante de semelhante afirmação doutrinária, inconsequente se lhes torna falar em ressurreição. O que pregam, com o nome de ressurreição, é o começo de uma nova existência, que nada tem a ver com

a anterior, liquidada pela morte. Para verificar-se o contrário, consulte Fp. 1.21-23. A escatologia russelita elimina completamente o “castigo eterno”, mesmo diante de todas as evidências bíblicas contrárias³⁶.

A nossa escatologia é a que se encontra sumariada no Catecismo Maior de Westminster cujos textos transcrevemos:

“Pergunta 87: Que devemos crer com respeito à ressurreição?”

Resposta: Devemos crer que no último dia haverá uma ressurreição geral dos mortos, dos justos e dos injustos; então os que se acharem vivos serão mudados num momento; e os mesmos corpos dos mortos, que têm permanecido na sepultura, sendo, pois, novamente unidos às suas almas para sempre, serão ressuscitados pelo poder de Cristo. Os corpos dos justos, pelo Espírito de Cristo e em virtude de sua ressurreição, como Cabeça deles, serão ressuscitados em poder, espirituais e incorruptíveis, e feitos semelhantes ao corpo glorioso de Cristo; e os corpos dos ímpios serão por ele ressuscitados para desonra, como por um juiz ofendido.” Ref. At 24.15; I Ts 4.15-17; I Co 15.21-23, 42-44; Fp 3.21; Jo 5.28,29; Dn 12.2; Mt 15.33).

“Pergunta 88: O que virá imediatamente após a ressurreição?”

Resposta: Imediatamente após a ressurreição vira o juízo geral e final dos anjos e dos homens; de cujo dia e hora homem nenhum sabe, para que vigiem, orem e estejam sempre prontos para a vinda do Senhor.” (Ref. II Pe 2.4; Ap 20.11-13; Mt 24.36,42,44; Lc 21.35,36). Consultar as perguntas: 86, 89 e 90 do C. Maior.

A volta de Cristo, depois de seu reinado especial sobre a Igreja militante e sobre governo geral do mundo, será pessoal, corporal, pública, mundialmente visível, sendo o anúncio de sua chegada internacionalmente audível. O Retorno de Cristo será:

a- Pessoal: At 1.11; At 3.20,21; Mt 24.44; I Co 15. 22; Fp 3.20; Cl 3.4; I Ts 2.19; I Ts 3.13; I Ts 4.15-17; II Tm 4.8; Tt 2.13; Hb 9.28).

b- Físico: At 1.11; At 3.20,21; Hb 9.28; Ap 1.7.

c- Visível: Mt 24.30; Mt 26.64; Mc 13. 26; Lc 21. 27; At 1.11; Cl 3.4; Tt 2.13; Hb 9.28; Ap 1.7.

c- Repentino: Mt 24. 37-44; Mt 25. 1-12; Mc 13. 33-37; I Ts 5.2,3; Ap 3.3; Ap 16.15.

d- Glorioso: Hb 9.28; Mt 24.30; I Ts 3.13; I Ts 4.16; II Ts 1.7,10; I Co 15.25; Ap 19.11-16⁴⁰.

Os TTJ e o Governo.

Os russelitas dizem que o Estado é, em si mesmo, diabolicamente mau, e que os “filhos do reino de Jeová” não podem prestar-lhe serviço, obediência e submissão. Eis porque recusam-se a votar, a prestar serviço militar e a reverenciar os símbolos pátrios como a bandeira, o hino e o brasão nacionais. Esquecem-se de que Jeová selecionou um povo e o organizou em nação. Também omitem o fato de que as Escrituras, de maneira claríssima, afirmam que todo governo, bom ou ruim, é instituído por Deus (Rm 13.1-7; I Pe 2. 13-17 cf At 16. 37-38; At 22. 25-28; Tt 2. 1-3; Tt 3. 1,2; Lc 2. 1-4; Mt 22. 21; Mt 17.24-27; At caps. 10 e 16). Eles não servem a pátria, mas se servem dela; são bons reivindicadores de seus direitos. Esquivam-se, inclusive por meios legais, de serem convocados para guerra. Os seus compatriotas lutam com sacrifício de suas vidas para eles se beneficiarem da paz conquistada, como aconteceu na Segunda Guerra Mundial.

Conclusão: gozam a paz do Demônio, e dão glórias a Jeová. Há, evidentemente, organizações estatais malignas, mas essas, ou existem para juízo dos ímpios ou serão punidas por Deus. À margem do Criador e Governador de tudo e de todos, crêem o reformados, coisa alguma existe e nada funciona. Deus é Senhor do bom e do perverso, e controla o bem e o mal; todas as coisas se lhe submetem.

Os TTJ e o Comércio.

O comércio, por sua natureza, ensinam os TTJ, é também uma força e um poder diabólicos, à semelhança do Estado³⁷. Há comércios e comerciantes anticristãos, mas outros existem benéficos e necessários. Devemos distinguir entre uma panificadora e uma adega; entre uma indústria de bens de consumo e outra que abastece o mercado corrupto e viciado de produtos pornográficos e viciantes. Ai de nós sem a indústria alimentícia, a metalúrgica, a de equipamentos hospitalares e cirúrgicos, a eletrônica, a eletrodoméstico, a têxtil. Como viveríamos nas metrópolis sem água, esgoto, iluminação, pavimentação, sistema de trânsito, de transporte coletivo, de comunicação, defesa e saúde? A sociedade urbana não sobrevive sem estrutura industrial, bancária e comercial. Os TTJ atribuem as ordens mercantil e empresarial ao Diabo, mas usufruem delas nas feiras, nos supermercados e nos “Shoppings tanto como compradores como vendedores. Paradoxo! Tudo funciona, cremos, conforme a vontade de Deus e para sua glória(Tg 4. 13-17). Jesus teria contado a Parábola dos Talentos (Mt 25. 14-30) se o seu conceito a respeito de comércio e banco fosse depreciativo, à semelhança do que fazem os TTJ? Certamente, não.³⁸ São contra o comércio por oposição a Satanás, mas se utilizam desse “ministério satânico” com extrema eficácia, mais que todas as outras seitas. Possuem um “parque gráfico” imenso no Brooklyn, N.Y., U.S.A., onde produzem literatura própria para abastecer a seita no mundo inteiro. Os seus “missionários” são hábeis agentes comerciais, promovendo de casa em casa abundante venda de livros e revistas da seita. Se o comércio é do Demônio, como afirmam, eles são seus bons e eficientes parceiros.

O Nome Jeová.

O primeiro nome de Deus mencionado nas Escrituras é Elohim(cap 1º de Gn). Depois apareceu o nome YHWH, associado ao de Elohim que, no capítulo 2 de Gênesis é traduzido por Senhor Deus (YHWH ELOIM). Yhwh foi vertido para o grego geral por “Iabé” e para o da Septuaginta e o do Koinê, por Kyrios.

Quando o hebraico deixou de ser idioma falado e o judaísmo se enfraqueceu, a pronúncia da língua, que era consonantal, perdeu-se. No final da era judaica e início da cristã, os Massoretas, estudiosos judeus, defensores da tradição, inventaram sinais vocálicos(diacríticos)⁴¹. pelos quais recuperaram a pronúncia hebraica. Tomando os sinais diacríticos dos massoretas, Petrus Galatinus, em 1518 A. D., criou a pronuncia “Jehovah” com os sinais vocálicos de ELOJHIM e ADONAI (**E** de Elohim, e **O** e **A** de Adonai). Portanto, somente a partir de 1518 é que se pronuncia o nome de Deus dessa maneira: Jeová. Os “testemunhas”, que são literalistas, deveriam, para ser mais históricos coerentes, chamarem-se “Testemunhas de Yawe” ou Javé. Todas as Bíblias com linguagem atualizada desprezaram a pronúncia Jeová para nome divino derivado do tetragrama sagrado –WHWH⁴².

Conclusão:

Ficou demonstrado, com base nos próprios russelitas e outros autores, que os TTJ não podem ser aceitos como cristãos evangélicos, pois negam todas as doutrinas essenciais e fundamentais da fé cristã. É a seita da negação:

- 01- Negam a verdadeira divindade de Cristo, afirmando que ele é apenas “um deus”, mas não o Deus Todo Poderoso, Jeová.
- 02- Negam a eternidade do Filho de Deus, dizendo que a sua existência originou-se de um ato criador de Jeová. Ele foi o primeiro ser criado e, portanto, não passa de uma criatura.
- 03- Negam a redenção por meio da vicariedade de Cristo, sustentando a esdrúxula doutrina do resgate por meio da estrita obediência ao “Homem perfeito”, Jesus Cristo.

04- Negam a existência da alma humana, dizendo que o homem não tem uma alma; ele é uma alma, isto é, um ser vivente.

05- Negam, em decorrência da rejeição da alma, a imortalidade do ser humano, imagem e semelhança de Deus, em cujas narinas o Criador insuflou o espírito(ruach, pneuma). Todos os seres humanos morrem literalmente, extinguem-se completamente; inclusive Cristo, o Verbo Eterno, “um deus” para eles, passou (e passa) pelo mesmo processo de aniquilação.

06- Negam a existência do inferno, ensinando que o inferno é a sepultura.

07- Negam a justiça punitiva de Deus, negando as penalidades eternas no Hades e na Geena; respectivamente, no estado intermediário da alma e no estado final em corpo ressurreto.

08- Negam a existência pessoal do Espírito Santo, pregando que o espírito não passa de um vento, um poder ou influência de Deus na execução de sua vontade³⁹.

09- Negam a transfusão de sangue, afirmando que o “sangue é a alma”, e que doar parte dele significa doar parte da alma. E quem doa parte de seu sangue, fica impedido de amar a Deus com “toda” a sua alma.

10- Negam os deveres cívicos: reverenciar a bandeira pátria, votar, prestar serviço militar, atender à convocação para a guerra, no caso de ameaça à soberania nacional, à cidadania, aos direitos e às liberdades fundamentais do homem. Servem-se da pátria, mas não a servem.

11- Negam todo o sistema financeiro da sociedade, sustentando que é obra satânica, mas dele se aproveitam, beneficiando-se de satanás.

12- Negam o governo, pregando que todo governo é de procedência maligna, menosprezando a soberania de Deus e seu gerenciamento sobre todas as coisas, inclusive os poderes governamentais. Não há governo que não seja instituído por Deus (Rm 13.1-7 e I Pe 2.13-17).

13- Negam, finalmente, com veemência, a Trindade, a unicidade de Deus em três pessoas co-iguais, co-eternas, coessenciais, consubstancias e eternamente unidas pelo amor (ágape) divino.

Não acolha, irmão, em sua casa tais heréticos que, com o disfarce de “Estudos Bíblicos”, pregam contra sua fé, seu Deus, seu Redentor, seu Consolador, a eternidade de sua alma, a divindade de seu Salvador e outros aberrações. Deus o livre de tais anticristos!

1- Abdênago Lisboa: “Seja Deus Verdadeiro e Rutherford Mentiroso”, pág. 10, Edit. Canaã, Belo Horizonte, 1964.

2- Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª Edição; Soc. Bíblica do Brasil, 1996.

3- Russel, citado por Homero Duncan em “As Doutrinas dos Testemunhas de Jeová Comparadas com as Sagradas Escrituras”, pág. 5, Imprensa Batista Regular, SP, 1976.

4- “As Doutrinas dos Testemunhas de Jeová Comparadas com as Escrituras, pág. 5.

5- Seja Deus verdadeiro, sem menção de autor, atribuído a Rutherford, Watchtower Bible and Tract Society, Brooklin, NY, USA, 2ª Ed, em port., pags. 30/31, 1952.

6- Emphatic Diaglott, versão tendenciosa dos TTJ. Tanto a New World Translation of the Christian Greek Scriptures como a Emphatic Diaglott são rejeitadas por todos grandes mestres da língua grega.

7- Seja Deus Verdadeiro, pag. 31.

8- Predicativo; Francisco Fernandes; Dic. De Verbos e Regimes, 39ª Ed., Editora Globo, S. Paulo.

- 9- Chave Linguística do Novo Testamento Grego, Jo 1.1-2, Fritz Rienecker e Cleon Rogers, Edições Vida Nova, 1985, S. Paulo e O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo, Jo 1.1-2, Vol. II, Russel Norman Champlin, Ed. A Voz Bíblica, Guaratinguetá, S.P.
- 10- Eis a regra de E. C. Colwell: “a- *Substantivos predicativos definidos levam o artigo somente quando seguem o verbo principal.* b- *Caso contrário, dispensam-no.* c- *Nomes próprios dispensam o artigo*”. Apud Homero Duncan em *As Doutrinas dos Testemunhas de Jeová comparadas com as Escrituras; Imprensa Batista Regular, SP, página 27.*
- 11- Chave Linguística do Novo Testamento, Edições Vida Nova, 1ª Ed. SP, pág. 421, citações das análises de Cl 1. 15-18.
- 12- Sobre o termo “primogênito”, consultar o Dicionário Internacional de Teologia, Vol. III, Ed. Vida Nova, 1ª Ed., 1983 e também as palavras “protótipos” e “protótipo” em *Theological Dictionary of the New Testament*, Kittel, vol. VI, pág. 871 s, 1968, WM. B. Eerdmans Publishing Company; Grand Rapids, Michigan, USA. Kittel define “primogênito” como: a- Primeiro gerado, o filho que abre a madre. b- origem do homem e dos animais(bearing for the first time of animals and men). c- O primeiro ou principal em proeminência, autoridade, poder e soberania.
- 12.a- Gerard Van Groningen em *Revelação Messiânica no Velho Testamento, Lua Para o Caminho, Campinas, SP, 1995, 1ª Ed em Português, Tradução de Cláudio Wagner, pág. 201s.*
- 13- Consultar J. K. Van Baalen em “O Caos das Seitas”- um estudo sobre os “irmos” modernos”. No caso da Trindade, ver pág. 189, 1ª Edição, 1974, Imprensa Batista Regular, São Paulo.
- 14- Seja Deus Verdadeiro, págs. 97/98, 2ª Edição em Port., 1952.
- 15- Sobre a Trindade, estamos seguindo, em vários pontos, a linha de pensamento de Louis Berkhof em *Teologia Sistemática, Lua Para o Caminho, Campinas, SP, 1990, 4ª Ed., v. cap. VIII, págs. 84 a 99.*
- 16- Gerard Van Groningen – *Revelação Messiânica no Velho Testamento, págs. 196 a 205.*
- 17- Sobre “Ego eimi”, consultar C. H. Dodd em *A Interpretação do Quarto Evangelho, Edição. Paulinas, Petrópolis, RJ, 1977, 1ª Ed. Em Português, pág. 349.*
- 18- Chave Linguística do Novo Testamento Grego, v. 16. Pág. 06.
- 19- Júlio Andrade Ferreira em *Religiões em Balanço, Apostila de Seminário, Vitória, ES, 1969, págs. 86s.*
- 19.a- A. Lisboa em *Seja Deus Verdadeiro e Rutherford Mentiroso, Edit. Canaã, BH, 1964, citando “A Sentinela” de 1º de janeiro de 19609.*
- 20- Guillermo Hendriksen, em *El Evangelio Segun San Juan, Sucomision Leteratua Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, Grand Rapids, Michigan, USA, 1987- comentário de Jo 13.19.*
F.F. Bruce em *João-Intrudução e Comentário, Série Cultura Cristã, Ed. Vida Nova, SP, 1990, 1ª Ed.- comentário de Jo 19.13. Esse autor afirma explicitamente que Ego Eimi, no texto, procede do hebraico “àni hu”, referindo-se ao nome inefável de Deus-YHWH.*
- 21- Júlio Andrade Ferreira em *Apostila de Seminário, pág. 86.*
- 22- Seja Deus Verdadeiro, W.B.T.S. , BrookYin, N. York, USA, 2ª Ed. Portuguesa, 1952, pág. 104.
- 23- Seja Deus Verdadeiro, obra citada, págs. 53/54.
- 24- Seja Deus Verdadeiro, obra citada, pág. 58.
- 25- Seja Deus Verdadeiro, obra citada, pás. 67 e 69.
- 26- Seja Deus Verdadeiro, obra citada, págs. 134 e 669.
- 27- A. Lisboa em *Seja Deus Verdadeiro e Rutherford Mentiroso, Ed. Canaã, Belo Horizonte, MG, pags. 55/56, citando “ A Verdade”, pág. 298.*
- 28- *Studies...!*, Vol. 2, pág. 129 citado por Abdênago Lisboa em *Seja Deus Verdadeiro e Rutherford Mentiroso, pág. 56.*
- 29- Seja Deus Verdadeito, obra citada, pág. 86.
- 30- Sobre os termos hebraicos “sheol”, “qeber” (sepultura), “bôr” (cova), “‘erets tahbit” (terra inferior) “‘abaddon” (abismo) ver *Dic. Int. de Teol. do Antigo Testamento, Ed. Vida Nova, 1ª Ed., S.P., § 2303.*
- 31- “Sheol”- *Enciclopédia da Igreja Cristã, Editor Walter A. Elwell,Ed. Vida Nova, SP 1ª Ed. Em Port., 1990.*
- 32- “Seja Deus Verdadeiro, obra citada, pág. 126, 224, último parágrafo, e 128 , segundo parágrafo.
- 33- Consultar “Seja Deus Verdadeiro”, obra citada, pág. 128.
Sangue- Aspectos Sacrificiais do: Enciclopédia da Igreja Cristã, Ed. Vida Nova, SP, 1ª Ed., 1990, vol. III, pág. 342.
- 34- Transfusão de Sangue- J. K. Van Baalen em “O Caos das Seitas”, Imprensa Batista Regular, 2ª Ed, 1974, pág. 186.
- 35- Seja Deus Verdadeiro- *Resgate por Muitos, obra citada, pág. 115.*
- 36- Escatologia – J. K. Van Baalen em *O Caos das Seitas, obra citada, págs. 193 a 196.*

- 37- Júlio A. Ferreira, Apostila de Seminário. Religiões em Balança, obra citada, pág. 88.
- 38- Sobre os TTJ, além das obras utilizadas e citadas no rodapé, recomendamos a leitura de “À Luz do Cristianismo”, obra de W. J. Schnell, autor de “30 Anos Escravizado à Torre de Vigia”, Centro de Documentação Bíblica, Rua Carlos Mardel,69, Lisboa, Port.
- 39- J. Cabral em Religiões, Seitas e Heresias, Coleção Reino de Deus, Universal Produções Ind. e Com., 4ª Ed., RJ, pág. 184.
- 40- Louis Berkhof em Teologia Sistemática, Luz para o Caminho, Campinas, SP, 4ª Ed, 1996, págs. 711/712.
- 41- Dic. Enc. Da Bíblia, Ed. Vozes, 1ª Ed. Port., Petrópolis, RJ, 1971, Trad. da Bíblia, pág. 194, II.A-Hist. do texto massorético.
- 42- A. Lisboa em “ Seja Deus Verdadeiro e Rutherford Mentiroso”, obra citada, págs. 29 a 32.